KIM LORAINE



FOREVER CLAIMED

VAMPIRE BRIDES

KIM LORAINE

Eu vim para esta pequena cidade vingar um ataque á minha família, para matar o caçador que arruinou meu irmão. Eu nunca esperava encontrar minha companheira.

Agora que a encontrei, não há possibilidade de voltar para casa sem Elaine ao meu lado. Mas ela é humana, cega para o mundo dos vampiros e eu não sei se posso transforma-la.

Os caçadores querem matar todos nós. Eles sabem que eu estou aqui e eles não vão parar por nada, até exterminar o meu clã. Ser minha companheira coloca Elaine em risco, e eu tenho que fazer tudo ao meu alcance para mantê-la segura.

Então vou reivindica-la

Ela será minha companheira, minha noiva, minha para sempre.

FOREVER CLAIMED

VAMPIRE BRIDES



KIM LORAINE

KEEPERS OF THE BOOK'S

STAFF

Tradução: Ayanna Keepers

revisão inicial: Bia keepers

Revisão Final: Fanny Keepers

Leitura e conferência: Ayla keepers

Formatação: Aysha keppers

FOREVER CLAIMED

VAMPIRE BRIDES



Noivas Vampiro

Onze histórias ambientadas em um mundo compartilhado, onde os vampiros são reais e o amor é para sempre.

As novelas das Noivas Vampira podem ser apreciadas em qualquer ordem. Cada uma das histórias é independente. Não há cambistas, personagens compartilhados e cada um termina com um feliz para sempre. Nossas histórias variam de doce a fumegante, então há algo para todos.

1 Presa = Essas histórias estão do lado mais doce.

2 Presas = Espere algumas cenas de sexo não amaldiçoadas e sem explicações de luz (desbotam para o preto)

3 Presas = Esses vampiros têm um pouco de língua salgada e gostam de manter as luzes acesas durante o sexo.

4 Presas = Tempos sexy são abundantes com linguagem chula para inicializar.

5 Presas = Recomendamos a leitura dessas novelas deitadas no sofá e o ventilador por perto.

Esperamos que você goste de fugir para o mundo das noivas vampiras.

KIM LORAINE

Um

MATTIAS

Eu vou matar esse homem hoje à noite. Prometi ao meu clã que me vingaria pela mutilação de Axel e pelo assassinato de sua companheira, então aqui estou eu, por todo o noroeste do Pacífico. Eu preferiria estar em casa em Estocolmo, gostando de viver uma vida ao ar livre em vez de esconder minha natureza de vampiro. Mas é meu dever vingar a companheira de Axel, Luna. Eu não vou decepcioná-lo.

O vento sussurra através das folhas e, a cada passo na terra esponjosa, galhos secos e quebradiços trituram sob meus pés. Meus sentidos são momentaneamente dominados pelo fedor fétido da decomposição de uma lagoa estagnada próxima, misturando-se com o vento que carrega o cheiro de fumaça de lenha no ar. Eu me forço a controlar e focar minha atenção. Não posso deixar que o ambiente ofusque meu alvo.

Três corações batem quando dois outros humanos se juntam à minha presa e eles se reúnem ao longe, seu suor cheirando a cerveja provando exatamente o que eu pensava ser verdade. O homem que estou procurando está fora do jogo dele. Os caçadores devem ser rápidos, afiados, perigosos. Dois deles são desleixados, e meu alvo já está bêbado. Este será um passeio no parque.

— Você trouxe as coisas? Um homem pergunta, sua voz fina e tensa. Ele está caindo do alto, eu posso sentir isso na batida rápida de seu pulso.



— Eu te disse, não estou mais usando. Apenas bebo e fumo cigarros. Fode demais com o meu cérebro. Eu tenho um trabalho a fazer.

O terceiro cara ri e, pelo que posso ver através do mato, ele se senta em um tronco caído e dá uma tragada no cigarro. — Eu aposto que você ainda acha que os vampiros são reais, não é? Parece que seu cérebro já está fodido. Talvez precisemos trancá-lo na lata de lixo.

O caçador rosna, sua frustração perfumando o ar. — Acredite no que quiser. Não vou explicar meu trabalho para você novamente.

— Merda, cara, você não é mais divertido.

Eu mudo de posição e um maldito animal sai do mato na minha frente. Ele desliza e agita as folhas alto o suficiente para chamar a atenção para a minha localização, e eu faço o meu melhor para afundar na escuridão. O caçador olha por cima do ombro em minha direção, e eu deslizo de volta para a sombra oferecida pelas árvores. Eles não podem me ver. Eles não sabem que estou aqui. Ele pode estar bêbado, mas ainda é um caçador. Se eu subestimá-lo, me colocarei em risco.

— Vamos lá, diz ele. — Vamos sair dessa porra de floresta. Vê que tipo de problemas podemos causar antes que eu tenha que fazer outro trabalho.

— Oh eu sei. Eu estou de olho em um belo pedaço de mau caminho nas últimas semanas. Vamos ver se ela quer se divertir um pouco.



Eu não me importo com quem disse isso, apenas que eles estão prestes a entrar em exibição pública. Não posso matar o caçador se ele estiver no meio de uma cidade.

Eu poderia derrubá-los, todos, mas não há garantia de que o caçador não lutaria. Tenho certeza que ele tem pelo menos uma arma nele, possivelmente uma lâmina de prata. Eu preciso pegá-lo desprevenido e, neste momento, minha cobertura provavelmente foi destruída. Ele estava ansioso demais para sair. Droga.

Eu os deixei chegar à beira da floresta, seus odores nojentos e sujos ficando mais fracos a cada momento. Então eu sigo.

Ele vai morrer hoje à noite.

LANEY

— É um mocha de caramelo grande com creme e o bolinho de mirtilo. Algo mais? Eu pergunto, entregando a comida e a bebida do outro lado do balcão. O aroma quente de caramelo e doce de mirtilo enche o ar, e eu deixo o conforto que eles proporcionam aliviar minha tensão, mesmo que apenas por um momento.

— Eu disse sem creme, diz a mulher, com o rosto torcido em uma carranca furiosa. — Vocês atendentes não conseguem acertar nada?

Eu me encolho interiormente. A fila está do lado de fora, e estou aqui sozinha porque meu único funcionário está doente - de novo. Murmúrios das pessoas na fila me fazem responder — Me desculpe. Vou tirar o creme para você.

Ela bufa e balança a cabeça. — Vou me atrasar por causa disso.

Então ela se vira e se afasta.

Nenhuma gorjeta

É assim que tem sido o dia todo. Fui atingida desde o amanhecer e, quando o sol se pôs e já são seis horas, estou exausta. Conto o registro, coloco o depósito no cofre e limpo a loja até que brilhe. Quando saio, o céu está totalmente escuro e o ar frio da noite do Noroeste do Pacífico me arrepia. Minha respiração fica nublada a cada expiração e enfio as mãos nos bolsos do casaco de lã, tentando me aquecer. A cidade com tema nórdico em que moro já está em silêncio, ainda é cedo demais para a cervejaria abrir e tarde demais para os pequenos empresários permanecerem abertos. Este fim de semana? Estará cheio de turistas atingindo os famosos marcos históricos.

— Olhe o que temos aqui, meninos, uma voz grave diz do beco enquanto passo no caminho para o estacionamento subindo a colina.

Merda. Eu mexo minha bolsa para pegar meu spray de pimenta enquanto a apreensão pinica ao longo da parte de trás do meu pescoço.

— Ela é uma peça bonita. Aposto que ela tem uma sacola cheia de gorjetas daquele café. As palavras desse cara são misturadas com uma mistura de zombaria e desespero.

Olhando por cima do ombro, vejo os dois, sujos e provavelmente ainda altos da sua última dose. — Deixe-me em paz, eu digo, ainda tentando encontrar minha única arma. Mas o visual

da minha cama, onde eu tinha deixado os itens da minha bolsa velha antes de mudar para uma nova, envia pavor no meu estômago. Merda. Merda. Merda.

— Eu não acho que esse seja um bom plano, querida. Eu acho que você deveria vir aqui e passar algum tempo conosco.

Eu continuo andando, o clique da minha bota exala alto nas ruas silenciosas, mas estou muito ciente deles logo atrás de mim. Então, um terceiro cara chega em uma esquina na minha frente, com o boné abaixado para cobrir o rosto. Estou presa entre eles, o cheiro de cerveja velha e cigarros me deixando enjoada.

— Por favor, você pode ficar com meu dinheiro. Apenas me deixe ir. Lembro-me claramente do que meu primeiro chefe me contou sobre ladrões de lojas e roubos quando eu tinha dezesseis anos. *Dê a eles o que eles querem e saia daí. Temos seguro; Nós não podemos te recuperar.*

Pego o saco de papel marrom cheio de minhas míseras gorjetas e o empurro para o cara na minha frente, mas os outros dois já estão perto demais para o meu conforto. — Acho que vamos levar mais do que o seu dinheiro. Você nos provoca todos os dias naqueles suéteres decotados.

Meu estômago revira quando percebo que esses são os caras que ficam na esquina quase todas as noites. Eles estavam me observando. Esperando uma noite em que eu estivesse sozinha.

— Eu não estou interessada, eu digo, tentando passar por eles. Eles me agarram, todos os três de uma vez, e eu grito, mas mãos com cheiro de tabaco cobrem minha boca enquanto me arrastam em direção ao beco. Sujeira pegajosa puxa meus sapatos,

me fazendo escorregar mesmo com as mãos em mim. Cai com força sobre os joelhos, o asfalto frio e úmido cavando minha pele.

— Levante-se, vadia. Precisamos de um pouco de entretenimento.

Estou de pé, com dor no ombro. Não posso deixar de gritar quando um dos caras desliza atrás de mim e lambe uma linha no meu pescoço. Um calafrio de repulsa rola através de mim e uma lágrima desce pela minha bochecha.

— Você faria bem em largar a dama se quiser manter os braços, diz uma voz profunda e masculina, mas não posso vê-lo através dos homens que me seguram. A esperança floresce no meu peito, eu agarro o pensamento de alguém aqui para ajudar e não o deixo ir.

Um dos caras me libera e caminha em direção ao homem misterioso. Eu avisto meu salvador. Alto e largo, ele parece um anjo vingador, com seus cabelos dourados brilhando como uma auréola na luz da rua. Este homem vai me salvar.

— Quem diabos você pensa que é? meu atacante pergunta, aproximando-se.

— Eu sou o homem que vai acabar com você aqui e agora.

O homem ataca meu salvador, mas ele é jogado contra a parede de tijolos do prédio ao nosso lado com tanta força que a janela acima dele racha. Meu agressor cai inconsciente, talvez morto, e os dois homens ainda me segurando soltam palavrões. Eu giro e viro, desesperada para sair de suas garras. Com tudo de mim, piso no peito do pé de um homem e, assim que seu aperto se



afrouxa, torço e liberto meu braço, empurrando meu punho da mão no nariz do outro cara. Ambos estão gemendo de dor, mas me soltam, me jogando no chão e correm. O homem que me salvou não vai atrás deles, em vez disso, ele caminha na minha direção e minha respiração fica presa ao ver seu rosto. Cinzelado à perfeição com olhos azuis, ele se parece com a minha visão de um príncipe nórdico.

— O...obrigada, eu digo, adrenalina fazendo minhas palavras vacilarem enquanto meu corpo treme.

— Você está bem? Ele estende a mão para me ajudar, e eu aceito sua oferta. Sua palma grande envolve a minha, uma faísca passando por mim no contato.

— Eu estou agora. Estou tão feliz que você apareceu. Eu continuo tremendo, e ele não soltou minha mão. — Você mora nas proximidades?

— Eu estava caminhando para o meu carro. Dou de ombros. — Não estou muito longe daqui.

— Vou acompanha-la para garantir sua segurança.

Eu rio e olho para cima, e para cima, sua altura é considerável. — Deus, você é alto.

Ele sorri, seus lábios carnudos de repente sendo tudo em que posso me concentrar. — E você é pequena.

Eu endireito meus ombros. — Eu sou pequena em 1,57. Geralmente isso é algo que eu não gosto em mim, mas a maneira como ele me chamou de pequena me faz sentir delicada de uma maneira que minhas curvas normalmente não permitem.

— Quão alto você é?

— Um e noventa e três. É assim que os americanos dizem, correto?

Então, eu estava certa, ele não é daqui. — Sim. De onde você é?

— Suécia. Estou... Visitando alguns parentes.

Sua pausa me faz pensar no que ele está escondendo. Ele tem que ser um príncipe ou algo assim. Olhando o casaco e o cachecol de grife que ele está vestindo, além de... tudo sobre ele, tem que haver mais nesse homem.

Ele solta minha mão e tira seu casaco, colocando-o sobre meus ombros. Então ele me oferece seu braço. Eu enfio o meu na dobra do cotovelo dele, e os aromas de cedro e couro tomam meus sentidos. Involuntariamente, respiro fundo e saboreio ele.

— Tudo certo? ele pergunta.

Parei de tremer e minhas bochechas esquentam de vergonha. — Você cheira bem.

Seus olhos enrugam nos cantos quando ele sorri. — Você também.

— Sinto cheiro de café.

Inclinando-se, ele aproxima seu rosto do meu e imita minha longa inspiração. — Não. Orquídeas e baunilha. Estremeço. As coisas em meu corpo se contraem e eu me pergunto como passei de um ataque quase sexual a um conto de fadas. — Meu carro está aqui em cima, eu digo, porque se eu não mudar de assunto, posso beijá-lo.

— Estou a sua disposição.



Caminhamos juntos no ar fresco da noite, o silêncio entre nós, mas também uma estranha sensação de conforto. Quando chegamos ao meu carro, eu gostaria de ter estacionado mais longe. Eu dou um tapinha no topo do meu velho coupe surrado e sorrio. — Este é o meu. Obrigada pelo resgate... Deixo minhas palavras pairando no ar, esperando que ele me dê seu nome.

— Mattias, diz ele, oferecendo-me um ligeiro arco de cabeça.

— Eu sou Laney... Elaine m... mas todo mundo me chama de Laney. Deus, agora estou tropeçando no meu próprio nome.

— Foi um prazer, Elaine.

Meu coração incha e palpita com o som do meu nome completo em seus lábios. Ele se inclina para perto, seu grande corpo tão perto do meu, me enjaulando sem me fazer sentir desconfortável. Então, seus lábios roçam minha bochecha e ele se afasta. Abro a porta do carro e olho para ele quando deslizo para o banco do motorista. — Vou ver você de novo?

Ele concorda. — Sem dúvida.

Eu ligo o carro e paro com o cheiro dele ainda persistente. Agora, em vez de temer trabalhar amanhã, mal posso esperar para voltar por causa da possibilidade de ver Mattias novamente. Eu resisto ao desejo de procurá-lo, não quero que ele pense que estou desesperada, mas arrisco um olhar no espelho retrovisor. Decepção e confusão rodopiam em meu intestino. Ele se foi. Como isso é possível? Olho por cima do ombro e o choque rola através de mim quando o vejo parado exatamente onde eu o deixei,



olhando por mim enquanto eu saio. Minha testa se enruga e volto meu foco para o espelho. Nada.

— Que porra é essa? Eu sussurro, mas quando volto meu olhar para o lugar onde Mattias estava parado, desta vez ele não está em lugar algum.



Dois

MATTIAS

O baque rítmico no meu peito pode parecer normal para qualquer outra pessoa. Mas não para mim. Meu coração não bate há muito tempo, mas começou quando a encontrei. Elaine. Minha companheira. A única pessoa que pode me trazer de volta do escuro.

Eu deveria ter matado todos eles quando a atacaram. Teria sido fácil persegui-los, arrancar suas gargantas e ver seu fim como punição pelo que planejavam fazer com ela, mas isso significaria expor o que eu sou. Isso significaria arriscar tudo. Seria o suficiente para eu matar o caçador. Esmaguei a parte de trás do crânio contra o prédio quando o empurrei de Elaine. Ninguém seria o mais sábio embora. Eu me tornei bom em esconder os corpos ao longo dos anos, e não foi difícil disfarçar a morte dele como um acidente.

A raiva se curva em meu intestino com a lembrança de seu pânico, do terror absoluto correndo por seu sangue. Minhas presas se alongam, a necessidade de seu sangue quase me deixando de joelhos. Afasto os pensamentos de reivindicá-la, mas o chamado de seu sangue é forte. Eu quase a peguei quando desisti e deixei meus lábios roçarem sua bochecha. Meu estômago dói de fome, e sou grato pelo controle que tive. Eu a teria matado acidentalmente se tivesse cedido ao meu instinto?

— Onde você esteve? A voz do meu anfitrião irrita meus nervos. Estou em sua casa, a salvo do sol em seus quartos à prova



de luz, mas agora, sinto que ele me pegou fazendo algo que eu não deveria. Ele está afiando e limpando um conjunto de facas de caça na mesa da sala de jantar, a única coisa que ele usa. Não precisamos sentar e compartilhar refeições. As facas brilham através da extensão de madeira, e o cheiro de óleo enche a sala.

— Você pode ter mais de um século, mas não é meu guardião, Brandt. Eu me sento em frente a ele e pego um pano, mergulhando-o no pequeno recipiente de óleo que ele colocou entre nós. Então eu seleciono uma faca e começo a limpar.

— Mas seu clã espera que você retorne com segurança, e se você ficar comigo nas suas pequenas férias

— Você não é meu criador.

— Eu nunca disse que sim, mas não quero guerra entre nossos clãs e, se algo acontecer com você, eles me culparão.

— Eu encontrei o caçador. Matei ele.

Seus olhos escuros se fixam nos meus. — Então você vai embora, afinal?

Balanço a cabeça. — Eu não posso sair agora.

Os olhos dele se arregalam. — O que? Por quê?

— Eu acho que encontrei minha companheira.

Ele pousa a faca e franze a testa. — Você está falando sério?

Eu concordo. — Ela estava sendo atacada por três humanos. O que eu matei foi o caçador que vim aqui para encontrar. Arrasto uma mão pelo meu cabelo e tento esconder o som do meu coração palpitante, um sinal claro de que encontrei aquela que significava tudo para mim. — Mas eu não posso sair. Eu

tenho que encontrar os outros dois e mantê-la segura. Não digo o que realmente estou pensando. Que eu preciso fazê-la minha. Permanentemente.

Um suspiro pesado cai dele. — Seja cauteloso, Mattias. Faz muito tempo desde que você foi humano.

Eu concordo. — Eu sei. Eu controlei minha necessidade de levá-la. Não expus o que sou, mas não sei quanto tempo vou resistir. O desejo de reivindicá-la já está me atormentando.

— Espere até que ela esteja pronta. Você não quer perdê-la. Ele encolhe os ombros em uma longa jaqueta de couro e embala as chaves. — Eu voltarei em breve. Fui convocado pelo rei. Com os caçadores na área, as coisas são... Desconfortáveis. Eu preciso que você fique de olho enquanto eu estiver fora.

Meu intestino aperta, mas eu aceno. Há muito se sabe que o rei tem procurado uma maneira de unir todos os clãs, mas ele é um homem distorcido que começa a controlar seu povo. — Mantenha sua guarda, Brandt. Elias Blackthorne não é um homem a ser cruzado.

Ele sorri. — Garanto-lhe que ficarei bem.

Oferecendo um leve aceno de cabeça, eu o assisto sair, seu aviso ainda fresco em minha mente. De muitas maneiras, Brandt é como um irmão para mim, mas há coisas que não sei sobre ele. Coisas que ele nunca fala.

A casa é grande e aberta, com janelas do chão ao teto. É um pouco de conforto moderno que parece um ajuste estranho para um vampiro, mas eu sei que Brandt não poupou despesas para se proteger da luz do dia. Com o toque de um botão, cada painel de



vidro fica completamente opaco, bloqueando toda a luz. Está muito longe do porão à prova de luz em minha casa na Suécia, mas eu prefiro que o meu entorno seja mais… rústico.

Sou grato pelo silêncio, mesmo que o tempo sozinho me faça desejar por Elaine. Ela é minha companheira, a outra metade da minha alma perdida, a pessoa que aliviará o vazio que todos os vampiros começam a sentir depois de se tornarem imortais. Sua voz rouca e suave ainda soa nos meus ouvidos, sua pergunta sobre se ela me veria novamente enviando desejo através de mim. A próxima vez que ela me vir, vou fazer mais do que beijar sua bochecha. Vou fazê-la suspirar e gemer meu nome, lhe darei um prazer tão avassalador que ela nunca mais vai querer outro. Eu a farei minha. Como deveria ser.

Meu pau tem um comprimento de aço pressionando minhas calças, a escova do tecido sobre a pele sensível quase insuportável. Foda-se, eu preciso de liberação. Vou para o quarto que estou usando e arranco minhas roupas no caminho para o banheiro conectado. Entrando no chuveiro grande, ligo a água, sem esperar que aqueça, tentando fazer que o spray frio dome minha ereção. Eu quero salvar meu orgasmo para minha companheira.

— Elaine, resmungo quando os riachos frios correm pelo meu corpo, o frio não fazendo nada para aliviar minha luxúria. — Porra.

Meu pau se projeta, dolorosamente duro e desesperado pelo corpo disposto da minha companheira. Fechando meus olhos, eu a imagino, aqueles lábios carnudos e convidativos, apenas implorando por um beijo. Eu agarro meu comprimento e cego à necessidade que corre através de mim. Bolas apertadas e pesadas, eu entro na



palma da minha mão e gemo, imaginando que meu aperto é sua doce boceta. À beira do prazer, paro, pressionando minhas mãos na parede do chuveiro e me forçando a manter o controle. Eu não serei fraco. Elaine será a única pessoa que irá tirar meu orgasmo de mim, assim como eu farei o mesmo por ela.

Então eu vou marcá-la, tomar seu sangue, compartilhar o meu, e nosso vínculo estará completo. Para sempre.

LANEY

Eu sonho com olhos azuis gelados e uma voz profunda e sussurrando coisas sujas nos meus ouvidos. Sonho com Mattias, embora tenha passado apenas alguns minutos na presença dele. É muito melhor que a alternativa, revivendo meu ataque repetidamente em pesadelos. Acordo mais de uma vez durante a noite, com o coração acelerado enquanto juro que ouço Mattias sussurrando meu nome ao longe. Mas minhas janelas estão fechadas e, quando olho para o meu quintal, tudo o que vejo são ruas calmas e escuras.

Balançando a cabeça, suspiro e murmuro: — Pare com isso. Ele não está lá fora. Não posso negar, estou decepcionada. Eu meio que queria que ele estivesse de sentinela em pé na minha garagem.

Minha casa é aconchegante, pequena e arrumada. É apenas o suficiente para mim. Como o meu café. Eu tenho exatamente o que eu preciso, nem mais, nem menos. Muito longe da vida que eu tinha

crescido. Meus pais gastaram todo o seu dinheiro em coisas para preencher o vazio de nunca estarem em casa. Eles trabalharam longas horas, construíram negócios de sucesso e me deixaram com muito dinheiro, mas eu preferia ter tido tempo com eles. Em vez disso, um acidente de avião os tirou de mim permanentemente quando eu tinha dezessete anos. Com um acidente trágico, passei de adolescente independente e sem supervisão para uma órfã que precisava ser tratada. Felizmente, minha tia e meu tio me acolheram, mas eu sempre estive sozinha, por opção ou não.

Pego o telefone e envio uma mensagem para Claire, minha prima, amiga e parceira de negócios. Ela não se importa que sejam três da manhã. A mulher é insone.

— *Não consigo dormir. Preciso conversar.*

Observo os pontinhos na tela enquanto ela digita.

— *O que aconteceu?*

— *Se eu te contar, não surte.*

O telefone toca na minha mão e, antes que eu possa murmurar um olá, ela está falando. — O que diabos aconteceu, Laney?

— Fui assaltada ontem à noite.

Um suspiro agudo sobre a linha é a reação exata que eu espero. — Você está bem? Onde você está?

— Estou bem. Em casa. Um cara me resgatou. Ele bateu em um dos idiotas e os outros dois fugiram.

— Haviam três deles?

— Sim. Eu... Minha garganta se aperta com a lembrança do que poderia ter acontecido. — Eu estou bem. Se ele não tivesse aparecido, tenho certeza de que estaria morta agora.

— Merda, ela sussurra. — Por que você estava sozinha?

— Kelsey está com gripe.

Ela suspira. — Então você me liga. Você sabe que eu irei ajudar. Não é seguro alguém fechar o café só.

Não quero dizer a ela que está enganada em mais de uma ocasião. Que eu regularmente fecho sozinha. — Eu deveria chamar a polícia?

— Você não fez?

— Eu estava com medo... eu não queria que Mattias tivesse problemas. Ele está de visita da Suécia.

— Mattias?

— O cara que me resgatou.

Claire cantarola baixinho. — E é por isso que você não consegue dormir, não é?

Minhas bochechas queimam. — Talvez. Ele era... Como algum tipo de deus nórdico. Tão alto, e ele cheirava tão bem.

— Então por que diabos você foi para casa sozinha? Ela bufa uma risada. — Eu teria escalado aquele homem como uma árvore.

— Eu não sei. Eu estava... bem, fiquei chocada. Estou surpresa que até o notei depois de tudo o que aconteceu.

— Você conseguiu pelo menos o número dele?

Balanço a cabeça e reviro os olhos. Ela não pode me ver.

— Não. Tão estúpida.

— Sim, isso foi bem idiota.

Eu ri. — Obrigada.

— Estou apenas brincando. Talvez ele apareça. É uma cidade pequena.

Meu coração se eleva com o pensamento de vê-lo novamente. Da próxima vez, não vou deixá-lo ir sem uma maneira de contatá-lo. — Havia algo entre nós. Como... Mágica. Uma faísca. Não sei mais como descrevê-lo.

— Luxúria instantânea m. É assim que você descreve.

Mordo o lábio inferior e penso nos sonhos que tive ao longo da noite. — Talvez. Parecia mais profundo do que isso.

— Quão? Você mal o conhece. Você nem sabe o sobrenome dele.

Ela está certa, é claro. Mas isso não diminui a estranha conexão que sinto. A atração de vê-lo novamente. — Eu não sei. Com a minha sorte, provavelmente nunca mais o verei e ele será apenas mais um 'e se' na minha lista. Eu bocejo e suspiro, meus olhos finalmente caídos quando a fadiga paira como um fantasma na minha periferia. — Vou voltar a dormir. Obrigada por estar disponível quando eu precisei de você.

— Se você vê-lo novamente, é melhor me contar tudo sobre isso. Eu sempre quis tirar férias para a Suécia.

Outra risada cai dos meus lábios. — Eu prometo. Talvez ele tenha um irmão.

— Ah, se ao menos fosse verdade isso.

Desligamos, meu coração se sentindo mais leve. Ela está sempre lá quando eu preciso dela. Então caio na cama, a cabeça



aninhada no travesseiro e fecho os olhos. Juro imediatamente que sinto o cheiro de Mattias como se ele estivesse na sala. Eu o imagino, ouço sua voz e volto à fantasia de meu príncipe sueco.



Três

MATTIAS

É uma tortura absoluta contar os momentos entre o pôr do sol e a verdadeira escuridão. Estou consciente, o peso do sol fazendo meu sangue parecer chumbo em minhas veias. Mas não consigo me manter parado. Eu preciso ir até Elaine e ver se ela está segura. Eu posso sentir o medo dela, mesmo sem um vínculo de sangue entre nós. Ela está desconfortável. Nossos corações batem juntos agora; só ficará mais forte quando eu a amarrar para sempre.

— Vamos, porra, murmuro, sentindo a lenta facilidade da luz enquanto o sol mergulha abaixo do horizonte. Não tenho certeza de como vou abordá-la. Como isso se tornará o que deveria ser, mas eu tenho que vê-la.

No instante em que o sol não representa ameaça, corro para fora, o mais rápido que posso no meu caminho para ela. Os batimentos cardíacos de Elaine não aceleraram além de algumas pressões de adrenalina nos últimos momentos, mas o fato de ela não estar confortável, não parecer relaxada, me deixa desesperado por oferecer segurança.

Minha atração por ela é forte o suficiente para me levar à vizinhança geral de onde nos conhecemos. O beco fedorento do sangue do caçador é bloqueado por fita policial. Um homem de jeans escuro e uma jaqueta de couro preta fica na frente da cena. Seus olhos estreitam quando ele me absorve, e eu luto contra o instinto que me diz para acabar com ele aqui e agora. Ele é um



caçador. Eu posso sentir o cheiro da prata nele. Em vez disso, aceno em sua direção. — O que aconteceu? Eu pergunto.

— Parece um assassinato. Ele me lança um longo olhar avaliador. — Você esteve na área ontem à noite?

Eu balanço minha cabeça, calmo e casual. — Eu estava com minha namorada. A levei para o carro depois do trabalho, apenas isso.

— Oh sim, onde ela trabalha?

Não gosto de todas as perguntas dele. — Você é um policial?

Ele sorri. — Eu? Não. Esse cara era meu amigo. Só estou procurando algumas respostas.

— Bem, boa sorte. Eu continuo no caminho em direção ao perfume do café. É a minha única pista além do som do coração dela. Eu não quero que o caçador me siga. Ele não pode saber sobre Elaine. Então, eu ando pelas ruas desta cidade, parando nas lojas para tirá-lo fora do meu caminho. Até que finalmente encontro a minha companheira. Elaine.

LANEY

Mexo o café no chocolate e no leite, misturando até ter certeza de que todos os ingredientes estão incorporados. Tudo parece... Desligado. Fiquei tensa ao longo do dia, minha energia nervosa ganhando vantagem sobre a compostura a cada minuto que passava. Depois de cobrir a bebida com um turbilhão generoso

de chantilly, sirvo a bebida com um sorriso, mesmo que minhas mãos tremam enquanto a ansiedade percorre minhas veias. O sol se pôs. Eu tenho que andar até o meu carro ... sozinha.

— Aqui está, mocha com chantilly extra, sem tampa, eu digo, tentando forçar um sorriso brilhante.

O homem pega a bebida e sorri para mim. — Você esqueceu uma coisa, diz ele, segurando um guardanapo.

— O que é isso?

— Para me dar seu número para que eu possa levá-la para sair neste fim de semana.

Minhas bochechas queimam de vergonha. Ele é bonito, mas também não consegue superar Mattias. — Me desculpe, eu não dou o meu...

— Ela é minha. A voz de Mattias me emociona, e o cara que pede meu número se afasta. O jeito que ele disse que eu era dele envia uma onda de puro desejo através de mim. Era possessivo, exigente e realmente muito quente.

Mattias está parado na porta, o céu escuro às suas costas, e meu coração dá um salto com uma mistura de antecipação e saudade.

— Eu... me desculpe... o cara gagueja.

— A loja está fechando. As palavras de Mattias são um rosnado baixo. Dominante e perigoso.

Meu cliente olha para mim e eu dou de ombros, um sorriso puxando meus lábios. — Ele tem razão. Estamos fechando agora.

— É hora de você sair, diz Mattias.



Eu deveria estar aborrecida com o comportamento dele como homem das cavernas, mas sinceramente não estou. Há algo de atraente na maneira como sua mandíbula se aperta e sua íris azuis queimam com energia intensa. Eu quero aqueles olhos presos nos meus enquanto suas mãos percorrem meu corpo.

Mau registro que meu cliente saiu, mas quando Mattias quebra nossos olhares, ouço a porta se fechar. — Isso era totalmente desnecessário , eu digo, fazendo um show de para parecer estar irritada.

— Você gostaria que eu pedisse para ele voltar? Ele caminha até a porta e vira a placa de *Aberto* para *Fechado* , depois vira a trava.

— Não, obrigada.

— Você está aqui sozinha de novo?

Meu coração dispara com o pensamento do que aconteceu ontem à noite. — Sim. Minha outra funcionária está gripada. Parece que vou lidar com as coisas sozinha por alguns dias.

— Não há mais ninguém que possa ajudá-la?

Eu rio. — É uma pequena empresa. Somos em duas. E é isso. Eu franzo a testa. — Como... como você sabia onde me encontrar?

Ele sorri e olha para as mãos no balcão de madeira polida.

— Você disse que cheirava a café. Existem apenas duas cafeterias na cidade.

Eu juro, meu sorriso deve ter uma milha de largura. — Então você veio me encontrar?



— Absolutamente. Você é especial, Elaine.

— Laney, eu corrijo, embora sua pronuncia do meu nome completo me faça tremer.

— Permita-me acompanhá-la ao seu carro hoje à noite... Laney.

Engulo o nó na garganta e luto contra o desejo de me inclinar para frente apenas para que eu possa estar mais perto dele. — É por isso que você veio me procurar?

— Eu vim em busca de você por muitas outras razões.

É isso aí. Esse cara é bom demais para ser verdade. Bonito, charmoso, heroico e cavalheiresco, todos reunidos em um. — Deixe-me fechar o caixa e limpar. Então eu estarei pronta para ir.

— Eu tenho a noite toda, ele murmura.

Ele passeia pela pequena área de jantar onde servimos doces e organizamos o clube do livro local, e meu olhar vagueia do relatório de vendas para sua forma alta mais de uma vez. Quando tenho o depósito reservado e o registro contado e configurado para amanhã, pego o aspirador e esfrego da sala dos fundos.

Mattias está empilhando a última das cadeiras nas mesas quando eu volto para a área principal. — Você não precisava fazer isso, protesto.

Dando de ombros, ele me oferece um sorriso. — Eu gosto de ser útil... Para você.

As palavras rolam de sua língua e sobre meu corpo, enviando ondas de necessidade através de mim. — Eu... eu aprecio isso.



Ele pega o aspirador e o conecta, ligando o velho monstro e correndo pelo chão em movimentos largos enquanto eu encho o balde com água e solução de limpeza.

— Glamoroso, não é? Eu estou brincando.

— Eu experimentei muitas coisas menos glamorosas que isso, Elaine.

Eu pego o esfregão e corro pelo chão enquanto o foco dele permanece em mim. — Como o quê?

— Como cavar fezes de cavalo por horas a fio.

Eu torço o nariz. — Isso definitivamente não é glamoroso.

— Mas isso tinha que ser feito.

— Bem, esta é a minha vida. Vendendo café, limpando o chão, tirando o lixo. Eu sou bem chata.

Agarrando o balde com uma mão e o esfregão com a outra, viro-me para a sala dos fundos para poder enxaguar tudo, e podemos passar a noite. Meus pés escorregam debaixo de mim no chão molhado e, como se eu estivesse em câmera lenta, vejo tudo como acontece. O esfregão cai no chão, minhas pernas se agitam e Mattias me pega no ar. Seus braços são fortes e, quando o cabo de madeira do esfregão cai no azulejo, percebo meu coração batendo forte no peito.

— São duas, ele murmura, seus olhos em chamas.

— Duas?

— Duas vezes eu te salvei. Só que desta vez não vou deixar você ir.

Deus, ele é apenas ... Tudo. — Você é um herói fantástico, sabia disso?



Os olhos dele escurecem. — Ou eu sou um monstro?

Um aperto toma conta do meu peito. — Até monstros podem ser heróis.

— Eles podem?

Estendo a mão e escovo os cabelos do rosto. — Sim.

Seus lábios estão tão perto. Eu posso sentir sua energia zumbindo junto com a minha. — Sim, ele ecoa.

Então nossas bocas se conectam e faíscas explodem atrás das minhas pálpebras. Meus mamilos apertam até picos duros enquanto sua língua parte meus lábios e dança com os meus. Seu gemido envia uma pontada aguda de necessidade diretamente entre as minhas pernas. Algo quente e perfeito corre pelas minhas veias, e quando ele me coloca no balcão e pressiona os quadris entre as minhas coxas, eu gemo. Seu pênis é duro pressionando ao longo da costura da minha calça jeans. Deus, eu o quero. Eu rolo meus quadris em busca de atrito.

— Elaine, ele sussurra enquanto quebra nosso beijo. Seu gosto ainda enche minha boca, e eu quero mais dele. Todo ele.

— Faça isso de novo. É uma ordem, talvez um apelo, mas ele me coloca de pé e se afasta.

— Eu sinto muito. Não posso. Eu não deveria.

— Eu acho que você pode e devemos. Foi um beijo incrível. Eu descanso minha mão em seu ombro, puxando para que ele saiba que eu quero ver seu rosto.

Ele respira lentamente e seus ombros tremem como se ele fosse um padre e eu sou o seu maior pecado. — Venha, deixe-me vê-lo em segurança no seu carro, diz ele, mas não se vira.

— Mattias, por favor.

Endireitando sua coluna, ele finalmente me encara, com fome em sua expressão. — Você me tenta assim.

— Então pegue o que quiser. Estou pronta e disposta a deixar esse homem me receber aqui e agora.

Ele lambe os lábios e dá um passo à frente, as mãos estendendo a mão para mim, mas então ele fecha os olhos e eu o assisto controlar sua necessidade. — Eu não posso.

— Por quê? Eu sei que você me quer... Eu pude sentir.

— Quero você mais do que tudo, mas agora não é a hora.

Eu fecho a distância entre nós e alcanço meus dedos pelos cabelos dele. — Há quanto tempo você estará aqui?

Seu olhar está treinado nos meus lábios. — Minha visita em... Aberto.

— Você tem planos hoje à noite?

Ele balança a cabeça.

Apago as luzes e destranco a porta. — Venha comigo. Excitação cresce na minha barriga com a necessidade em seus olhos. — Nós podemos jantar. Considere isso minha maneira de agradecer por ser meu salvador.

Um leve aceno de cabeça é tudo o que recebo e, enquanto saio da loja, sua presença paira grande e intensa ao meu lado. Sinto-me segura. Este homem está aqui para garantir que ninguém me incomode, e embora eu geralmente odeie gestos como esse, não posso negar que estar com ele parece absolutamente certo.

— Bebidas, depois jantar? Eu pergunto.



— Como quiser. Ele oferece o braço e eu me inclino para ele.

Há um bar aconchegante a uma quadra de distância, e, sendo o começo do fim de semana, há um pianista de jazz tocando no canto e as luzes foram diminuídas. Nós podemos falar aqui. Podemos tocar e talvez criar um pouco mais de tensão antes de levar as coisas adiante.

Eu enfio nossos dedos e o puxo para uma cabine de canto perto da lareira. — Está tudo bem? Eu pergunto, apontando para a mesa.

— Eu posso não me encaixar, ele admite.

Uma risadinha cai de mim quando eu observo sua altura e sua estrutura ampla. — Você está certo. A janela então.

Sentamos um em frente ao outro em uma mesa para dois, seus joelhos roçando nos meus de vez em quando.

— Eles têm uma sangria incrível aqui. Eu juro. Normalmente não gosto de bebidas frutadas, mas isso é tão bom.

— Isso parece perfeito. Encomende o que quiser. Não se preocupe comigo.

Então eu faço. Eu peço uma sangria e ele faz o mesmo. Eu quase chutei nossa garçonete nas canelas, porque ela ficou lá boquiaberta por um minuto inteiro antes de ir embora. — Você deve ter muito disso, eu digo.

— O que?

Eu ri. — Os olhares de boca aberta? A cobiça? Você é... — Eu me inclino e sussurro, meio que bonito.



Seu sorriso é amplo e os azuis do seu brilho brilham de diversão. — Então você também.

Meu corpo inteiro se ilumina. — Você é encantador.

— É apenas verdade.

Mordo o lábio inferior e brinco com a borda do meu copo.

Seus dedos roçam os meus debaixo da mesa, e eu luto contra a lavagem da necessidade que corre através de mim. — De repente, estou muito feliz por ter vindo para uma visita.

— Eu também.

Nossa garçonete volta com um prato de tapas para compartilharmos que sinceramente não me lembro de pedir. Eu fui cativada por Mattias. Ele a agradece e desta vez ela foge sem dizer mais nada. Graças a Deus.

— Você não tocou sua bebida, eu digo, trazendo meu copo meio vazio aos meus lábios.

— Eu tenho estado muito ocupado apreciando a paisagem. Algo na maneira como ele diz isso me diz que ele não estava falando sobre o ambiente do bar. Um rubor rasteja minhas bochechas na forma de calor profundo. Ele sorri. — Não fique envergonhada pela sua beleza. Você deveria ouvir isso todos os dias. Alguém deve ter certeza de que você sabe disso.

— Conte-me sobre sua família, sua vida na Suécia. Eu quero saber tudo sobre você.

Ele ri. — Essa seria uma história muito longa. Eu prometo que vou te contar um dia. Por enquanto, que tal uma versão abreviada?

Concordo com a cabeça e espalho um pouco de azeitona em uma pita. — Estou ouvindo.



Lábios tremendo quando ele luta contra um sorriso, ele olha nos meus olhos e começa. — Eu não nasci na família que agora chamo de minha. Quando eu tinha uns vinte e cinco anos, estava quase morrendo depois que uma viagem de caça deu errado. Eu fui atacado por lobos. Eu deveria ter morrido.

Involuntariamente, levo minha mão ao meu peito. O pensamento dele sangrando e quebrado, sozinho na floresta, faz meu coração doer.

— O homem que eu chamo de pai me encontrou e me trouxe de volta para sua casa. Lá, eles cuidaram de mim e recuperaram minha saúde. Eu nunca saí depois disso.

— E sua família biológica? Eles não estavam procurando por você?

Ele balança a cabeça. — Eu os perdi de febre muito antes disso.

Febre? A Suécia não possui um dos melhores sistemas de assistência médica do mundo? Afasto esse pensamento e continuo ouvindo enquanto ele me conta sobre o lugar em que vive. A família que ele ama. O homem que era como um irmão que quase morrera. Tudo o que ele diz me faz querer mais ele. Mesmo que tenhamos um curto período de tempo juntos antes que ele volte para casa.

Horas depois, depois de passear na noite fria de luar pelas ruas tranquilas, caminhamos para o meu carro, meu braço enfiado na dobra do cotovelo dele, sua energia me deixando tensa. Ele não fala, não olha para mim, e me pergunto se de alguma forma o ofendi. Meu carro é o único que resta no estacionamento. — Você



está estacionado em outro lugar? Eu pergunto, procurando minhas chaves na bolsa e clicando no botão para destrancar o carro assim que as encontro.

— Não, diz ele, sua voz um rosnado duro, e então ele está em mim, me pressionando contra o carro. Seus lábios são uma demanda feroz nos meus, suas mãos nos meus cabelos, corpo grande alinhado com a minha pequena estrutura. — Porra, eu quero você. Apenas um gosto. Seus beijos se movem da minha boca para minha mandíbula, depois descem pela minha garganta. Ele inspira e geme. — Baunilha e orquídeas. Néctar doce. Minha.

— Deus, Mattias, o que você está fazendo comigo? Tenho certeza que minha calcinha está encharcada com o quanto ele me excita. — Venha para casa comigo. Podemos terminar o que você começou na minha cama.

Mas então seus dentes rasparam minha clavícula, e a sensação dele envia um arrepio através de mim. — Apenas um gosto, diz ele novamente.

— Uma amostra do que? Minhas lembranças de sua falta de reflexão, de sua imensa força, da velocidade que ele precisaria para desaparecer do jeito que tinha, misturam excitação com medo.

— Você.

Meu coração martela no meu peito. — Mattias?

— Elaine, minha companheira.

Companheira? — O que você está fazendo?

Sua língua corre ao longo do meu pescoço, e ele geme.

— Fazendo você minha.

— Olhe para mim, Mattias.

Para minha surpresa, ele o faz e, em sua expressão, sinto apreensão. — Eu não sou o homem que você pensa que sou, diz ele, pressionando sua testa na minha. — Mas você me faz melhorar.

— Eu não entendo.

Ele rola seus quadris contra mim, e eu gemo com o atrito entre nossos corpos. — Eu quero você toda. Quero que você me diga que é minha.

— É tão rápido. Meu coração dispara, mas deixo o instinto me guiar e fechar os olhos enquanto sigo a liderança do meu coração. — Eu quero você também.

— Abra seus olhos, Elaine. Abra-os e olhe para mim.

Eu faço. Meu foco está em suas lindas íris azuis que escurecem enquanto vejo. Eu pisco e franzo a testa, me perguntando se comecei a ver as coisas, mas então ele abre a boca e, onde deveriam estar os dentes humanos normais, duas presas se estendem diante dos meus olhos. — Você... Você é um... Eu sussurro enquanto minha cabeça começa a girar e meus joelhos dobram.

— Foda-se, diz ele, correndo para frente enquanto eu caio na calçada e o mundo fica escuro.



Quatro

MATTIAS

Elaine cai no chão, mas eu a pego antes que sua cabeça atinja o asfalto. — Foda-se, murmuro.

Ela não tinha fugido, mas desmaiar é uma reação bastante próxima. Seu corpo se fechou para proteger sua mente. Um gemido suave cai de seus lábios enquanto ela descansa nos meus braços, suas belas sobrancelhas se franzem em uma carranca, e tudo o que eu quero é voltar atrás. Eu não deveria ter dito a ela a verdade sobre mim ainda, mas eu estava tão perto de prová-la. Tão fodidamente perto.

— Mattias? ela pergunta, piscando para mim. — O que aconteceu?

Corro meus dedos pelos cabelos e luto contra a vontade de beijá-la. — Você desmaiou.

Então seus olhos se arregalam, e eu vejo sua expressão mudar quando ela se lembra exatamente por que perdeu a consciência. — O que você é? Ela se liberta das minhas mãos e pressiona seu corpo contra o carro, tentando colocar espaço entre nós. — Pare. Seus membros tremem e o medo cheira ao ar.

— Elaine, por favor. Não fuja de mim.

— Você... aquele homem, você o matou, não foi?

Suas sobrancelhas se franzem e ela se concentra em mim, esperando por uma resposta. — Eu fiz.



— Eles disseram que ele foi atropelado por um carro, mas eu sabia melhor. Ela quase murmura as palavras para si mesma.

— Não me arrependo de matá-lo. Ele mereceu.

— Eu... ela começa a protestar, mas fecha a boca e olha para longe de mim. — Eu preciso ir.

O instinto me diz para mantê-la perto, e eu a alcanço.

— Não...

— Mattias, você acabou de admitir que matou um homem. Você... ela se inclina um pouco mais perto e sussurra, você tem presas. Não me diga que imaginei isso.

— Você não fez. Há muito mais no mundo do que aquilo que os humanos percebem.

Ela leva as pontas dos dedos aos lábios. — Humanos, ela sussurra.

— Eu fui humano uma vez. Mas há muito tempo não sou mais.

— Eu preciso que você diga a palavra. Diga-me o que você é, ela exige.

Respirando fundo, eu olho diretamente nos olhos dela e digo: — Eu sou um vampiro.

— Eu não sou... eu não ... Ela passa as mãos pelos cabelos e solta um longo suspiro. — Isso não pode ser real. Vampiros não existem. O que você é?

— Exatamente como eu disse. Eu sou um vampiro. Eu matei aquele homem para salvá-la e faria de novo. Vou matar alguém ou qualquer coisa que tente prejudicá-la.

Uma linha se forma entre as sobrancelhas dela, dizendo que eu a perdi antes que ela dissesse as palavras. — Eu tenho que ir.

Me mata que ela quer sair. Mas não posso impedi-la. Minha companheira tem que estar comigo por escolha, não por força. Pego seus braços com um aperto suave, relutantemente me preparando para limpar sua memória da última conversa que tivemos. Ela ficará melhor sem saber se isso significa que ela vai fugir de mim.

— Elaine, olhe para mim.

Seus grandes olhos escuros se fixam nos meus, e eu me preparo contra a dor que cresce no meu peito. Mas eu não posso fazer isso. Eu não posso viver comigo mesmo se eu tirar as memórias dela simplesmente porque não quero que ela tenha medo de mim.

— Deixe-me ir, Mattias, diz ela. Lágrimas enchem seus olhos, e não sei dizer se são lágrimas de medo, tristeza ou desespero.

Eu a solto e passo para trás, meu coração doendo por ela. Mas eu faço o que ela pede. Deixei minha companheira entrar no carro dela e me afastar.

LANEY

Meu peito dói. Cada momento que passa, cada quilômetro de separação entre nós, aumenta a dor. Mattias é um vampiro. Um *vampiro* . Não acredito, mas também não posso negar a verdade. Eu vi as presas. Eu o testemunhei usando mais força do

que um homem humano deveria. Ele matou um homem para me salvar.

Minhas mãos seguram o volante com tanta força que minhas mãos doem, mas eu não me deixo virar e voltar para ele. Ele não é humano. Ele é perigoso. Eu não deveria o querer.

O pânico aperta minha garganta, mas eu me forço a ficar no meu caminho de casa. Se ele matou o homem que me atacou, quem pode dizer que não matou pessoas inocentes?

Visões de seus olhos ficando negros, de suas presas afiadas, e sua força surpreendente me atingiram quando eu parei na minha garagem. Não consigo forçá-lo a ir, mas também não estou pronto para recebê-lo em minha vida.

Saio do carro e tranco a porta, olhando ao meu redor, me certificando de que ninguém esteja escondido nas sombras. Não por medo, vou encontrar Mattias, mas por preocupação com outras coisas que surgem durante a noite. Se os vampiros existem, o que mais há por aí?

Juro que sinto o peso de um olhar pesado em mim enquanto mexo nas minhas chaves e luto para entrar em minha casa. Se houver mais alguma coisa por perto, não quero ficar do lado de fora.

Assim que a porta é fechada atrás de mim, eu fecho as duas fechaduras e me relaxo contra a madeira maciça. Deslizo até ficar sentada com os joelhos dobrados e os braços em volta das pernas. Minha cabeça está encostada na porta, e respiro fundo lentamente, fechando os olhos e deixando o cheiro de couro e cedro de Mattias preencher meus sentidos.



— Deus, Mattias, o que devo fazer agora? Eu digo para a casa vazia.

Droga, eu ainda o quero. Mesmo sabendo que ele não é humano. Mas as palavras que ele disse, do jeito que ele me reivindicou como dele e disse que eu era sua companheira, era demais, muito cedo.

A porta bate nas minhas costas quando alguém bate na madeira, me fazendo gritar de surpresa. Eu me levanto, com os pulsos latejando nos ouvidos, e me inclino para olhar através do olho mágico. O cabelo loiro e o rosto em forma de coração de Claire enviam uma onda de alívio através de mim. Abro a porta e a abro, forçando um sorriso. — O que está acontecendo? Eu pergunto.

— Você está de brincadeira? Você esqueceu. O que eu esqueci? Meu cérebro foi ocupado por Mattias. Ela olha para mim e torce o quadril. — Noite das garotas. Trigésimo Lottie. Eu tenho o bolo dela no carro.

Soltei um suspiro pesado. — Merda, Claire. Eu sinto Muito.

Ela fecha a porta atrás dela e descansa a mão no meu ombro. — Está bem. Você teve muita coisa acontecendo. Eu deveria ter verificado primeiro.

— Dê-me alguns minutos para me refrescar? Eu pergunto, realmente não querendo sair, mas também desesperada por algo normal.

— Você tem certeza? Podemos ficar aqui. Posso avisar Lottie.

— Não. Não. Eu não posso fazer isso com ela. Ela está falando sobre isso há semanas. Eu passo a mão pelo meu cabelo. — Apenas me dê alguns.

Subo as escadas e procuro no meu armário algo apropriado para vestir. Jeans e camiseta não são suficientes, não com essas garotas. Quando saímos, sempre nos vestimos. Agarrando um vestido vermelho furtivo e um par de saltos, coloco minhas roupas na cama antes de ir ao banheiro. Eu preciso lavar o cheiro de café da minha pele, raspar minhas pernas, fazer todas as coisas que eu normalmente faria antes de sair.

— A que horas temos absolutamente que sair daqui, se não queremos chegar atrasadas? Eu ligo do meu quarto,

— Você tem vinte minutos.

Porra, não há tempo suficiente para lavar e secar meu cabelo. Ao contrário da minha prima, meu cabelo não seca em linha reta e é manejável. Se eu molhasse essa bagunça, levaria pelo menos trinta minutos de secagem, usando meu ferro de frisar, talvez um ferro chato também. — Shampoo seco, eu murmuro.

Estou lavada, depilada e pronta para ir aos dezoito minutos. Isso pode ser um recorde para mim. Antes de sair, atravesso meu quarto até a pequena fileira de ganchos na parede. Eu não uso muitas joias, mas o que eu tenho é uma prata muito bonita e esterlina. Tirando uma longa corrente de prata do gancho do meio, envolvo-a em volta da minha garganta até que ela caia em camadas. Não tenho certeza se a sabedoria é verdadeira ou não, mas lobisomens e vampiros não gostam de prata em praticamente tudo o que já assisti. Se todos são reais, talvez isso ajude.

O medo empurra seu caminho de volta pela minha garganta enquanto deixo pensamentos de todo o novo mundo que Mattias

me expõe a vagar por dentro. Não. Eu fiz trinta e dois anos sem saber que essas criaturas existiam. Eu posso sobreviver mais uma noite, fingir que tudo está normal, me divertir com meus amigos.

Quando chego ao pé da escada, estou calma, um sorriso falso é colado nos meus profundos lábios manchados de vermelho e Claire está sorrindo para mim.

— Nosso carro está aqui.

Sobrancelha levantada, eu a encaro. — O que?

Ela encolhe os ombros. — Eu chamei um táxi. Você precisa relaxar, ficar um pouco louca e se divertir. A melhor maneira de fazer isso é com uma volta segura para casa garantida. Seu dedo pega minha corrente, onde a camada mais longa repousa quase sobre o meu umbigo. — Isso é bonito.

— Obrigada. Eu não uso há muito tempo. A loja não parece realmente o lugar certo para joias.

Uma risada cai dela quando ela coloca a bolsa em um ombro. — Você está aí.

— Vamos lá, vamos nos atrasar, eu digo, pegando minha própria bolsa e chaves. Abro a porta e vejo o táxi que está esperando, luzes acesas, motor ligado. Meu olhar procura o bairro circundante, a linha das árvores à minha esquerda, em qualquer lugar que algo possa estar escondido. Então a porta se fecha atrás de mim e Claire está esperando. Ela está esperando eu trancar minha casa e me divertir, porque ela ainda ignora tudo o que sei agora.



Quando entramos, os velhos assentos de couro rangem e gemem, e já estou desejando que ela me deixe dirigir. Três velhos purificadores de ar em forma de árvore balançam no espelho retrovisor, mas obviamente há muito tempo ultrapassam suas datas de validade. Tudo cheira a muita colônia e ao cheiro velho de café velho. Claire dá a ele o endereço para o nosso primeiro destino, e ele resmunga algo que não consigo entender, mas estaciona na rua.

Em menos de meia hora, ele nos deixa no único cassino dentro de cem milhas. Fica na ponta do município, pouco antes de chegarmos à baía. O local tem uma bela vista da água, de um hotel e de três clubes, todos em um só lugar.

Claire paga o homem, e nós dois saímos do táxi, eu puxando meu vestido curto para que eu possa sair sem piscar demais os caras do manobrista. As portas deslizantes se abrem e somos atingidos pelo cheiro de cigarros, aplausos altos e sinos tocando quando alguém deve bater em um jackpot, e o frio imediato do ar condicionado cobre meus ombros nus. Claire liga nossos braços e me puxa para a parte de trás do cassino, onde vejo a placa da boate, Risk.

— Lottie acabou de mandar uma mensagem, ela já está dentro, diz Claire, um sorriso animado se espalhando por seu rosto bonito. — Mal posso esperar para dançar a noite toda. Faz muito tempo desde que saí.

— Eu também, se estou sendo honesta. Acho que a nossa última noite de garotas foi há três meses. Um segurança forte,



vestindo uma camisa preta justa, fica na entrada. Seu corpo está tão quieto que me pergunto se ele é uma estátua. Ou um vampiro.

— Divirta-se, senhoras, diz ele, sua voz baixa retumbando no peito.

Claire sorri e ri. — Oh, nós iremos. Eu prometo.

O baixo pulsante me atinge assim que ele abre a porta para nós. Tudo está escuro, a única iluminação proveniente de luzes ambiente ocultas que revestem o teto em tons de azul, roxo e rosa. O teto parece uma multidão de estrelas brilhando no céu. É fascinante.

Um coro de gritos animados enche o ar, alto mesmo com a música. — Lottie nos encontrou, eu grito com Claire.

Ela assente e corre para nossos amigos que conseguiram reivindicar duas mesas no espaço lotado.

— Você conseguiu! Lottie me envolve em um abraço, sua respiração cheirando a vodka e amora. Ela já está pelo menos um pouco bêbada.

— Eu não perderia isso! Feliz aniversário, eu pego o braço dela e me inclino. — Vamos pegar outra bebida de aniversário.

Ela ri e assente. — Boa ideia.

Empurramos a multidão até o bar e, após uma breve espera, peço uma bebida para nós dois. Então Lottie grita: — E dois picklebacks. É meu aniversário!

Eu faço uma careta, mas a humor quando duas doses de uísque com de suco de picles são colocadas na nossa frente. — Bottoms up, eu digo.



Abaixamos os tiros. Luto contra o desejo de vomitar tudo o que acabei de beber e, felizmente, meu coquetel chega ao mesmo tempo. Engulo essa coisa como se minha vida dependesse disso e imediatamente me sinto melhor.

— Oh, merda, Laney. Você odeia picles. Os olhos de Lottie estão arregalados de culpa. — Eu sinto Muito. Eu esqueci.

Balanço a cabeça e rio. — Considere esse seu presente de aniversário.

A música muda para uma música que nós dois amamos, e ela sorri. — Vamos. Eu quero dançar até meus pés doerem.



Cinco

LANEY

Não me divirto muito a muito tempo. Estou suada, cansada e emocionada de uma só vez enquanto balanço e giro com minhas amigas. Parece que saber que o perigo se esconde do lado de fora dessas paredes me faz desfrutar de um momento como esse ainda mais. Eu me forço a focar aqui e agora. Não Mattias e suas presas. Não no fato de eu ainda querer vê-lo.

O DJ deve saber exatamente o que o público quer, porque cada música é boa. Cada remix nos anima e, em breve, minhas inibições são reduzidas. Há neblina na pista de dança, as luzes lançando um brilho em constante mudança sobre as nuvens ao redor de nossos pés. Um homem bonito se aproxima de nós, fazendo minha cautela aparecer, então eu ainda sou tímida quando se trata de caras. Sei que ele não vai nos atacar quando se inclinar para perto de Lottie, sussurrando algo em seu ouvido que a faz corar. Não consigo ouvi-lo, mas ela assente e lança um olhar para nós antes de pegar a mão dele e caminhar até o bar com ele.

— Eu me perguntei quanto tempo levaria para ele fazer uma jogada, diz Claire, aproximando-se de mim enquanto dançamos. — Ele está analisando ela há três músicas.

— É bom. Ela não sai com ninguém desde o divórcio.

Claire assente e fecha os olhos enquanto levanta os braços sobre a cabeça e balança os quadris com a música.



Lottie e seu marido se divorciaram há mais de um ano, a coisa toda a levando a uma profunda depressão da qual apenas recentemente voltou. Foi um momento difícil, para dizer o mínimo, e eu estive lá, junto com Claire, para ajudá-la.

— Eu já volto, grita Claire enquanto passa por mim.

Eu apenas aceno e continuo dançando, ignorando tudo e todos ao meu redor. A música se transformou em uma música sexy e lenta, e eu me deixei sentir. Meus pensamentos se voltam para Mattias e seu beijo inebriante. Deus, eu o quero, mesmo que ele seja um vampiro. Talvez parte disso seja o perigo que ele apresenta. Ele não é o mocinho que me dará uma vida cheia de coisas que eu pensava que queria: um cachorro, uma hipoteca, crianças e muito mais. Ele é o garoto mau que vai me morder, me reivindicar e matar por mim. É disso que eu preciso agora?

Minha pele se arrepia quando o peso do olhar de alguém se apodera de mim, mas não quero atenção de ninguém. Eu não estou aqui para isso. Estou aqui pelos meus amigos. Para sair à noite.

— Você está tentando me tentar? A voz de Mattias rola sobre mim como um flash de chama, me fazendo abrir os olhos. Ele está na minha frente parecendo o deus nórdico que ele é. — Eu peguei seu perfume quando passei pela porta.

Sua mão desliza sobre o meu quadril e ele se aproxima. Meu coração está acelerado, mas não de medo. — O que você está fazendo aqui? Você esta me seguindo?

— Não. Você me pediu para deixar você ir.

Eu franzir a testa. — Então, você acabou de estar no mesmo lugar que eu?

— Estou aqui a negócios.

— Em um clube?

— Não. Estou neste cassino a negócios. O proprietário é um amigo meu.

— O dono é um... vampiro? Eu sussurro a última palavra.

Ele sorri. — Os vampiros existem há muito tempo. Você provavelmente conhece alguns além de mim.

— Eu não tenho certeza de como me sentir sobre isso.

— Eu poderia limpar sua memória. Devolva um pouco de paz.

Isso me faz estremecer. — Eu não quero te esquecer.

— Pode ser mais fácil. Eu ia fazer isso no estacionamento, mas sou muito egoísta. Não queria que você esquecesse e, mesmo agora, não resisti a vê-la mais uma vez antes de partir.

Minha garganta se contrai com a menção dele saindo.

— Sair? Quando?

— Fui chamado de volta para casa. Eu vou daqui a alguns dias.

Eu me aproximo, nossos corpos quase se tocando. — Eu não quero que você vá.

— E eu não quero deixar você.

Nós balançamos juntos, seu corpo alto pairando sobre mim, mãos flutuando em meus braços, meus ombros, através das tiras finas do meu vestido. — Estou com medo de tudo isso. Do que você poderia fazer comigo. Do que você é.

Seus dedos deslizam pela pele nua das minhas costas, expostos pelo vestido decotado, e eu luto contra um arrepio de



desejo. — Eu nunca machucaria você, Elaine. Você deve ser minha. Você é preciosa para mim.

— Como isso pode ser possível? Você acabou de me conhecer.

— Quando um vampiro encontra sua companheira, ele sabe. Não há uma pergunta para aqueles de nós que já fomos humanos. Você é minha. Eu nunca vou parar de te querer.

Eu o sinto, duro e grosso, pressionando contra minha barriga. Eu quero ir com ele, tocá-lo e prová-lo. Inclinando-me, envolvo meus braços em torno de seus ombros e levanto meu rosto enquanto sua mão segura minha nuca. Mas ele estremece e se afasta. — O que? Eu pergunto, uma carranca puxando minhas sobrancelhas juntas.

— Prata. Você usava prata? Há uma marca vermelha na palma da mão de onde ele tocou meu pescoço.

— Eu sinto muito. Eu... Pensei que poderia me proteger de ... outras coisas por aí.

Enfiando a mão no bolso, ele assente. — Poderá. Pelo menos uma pequena quantidade.

— O que mais há lá fora, Mattias?

Ele olha em volta, depois balança a cabeça. — Você não quer saber.

— Eu sei que disse que você deveria me deixar em paz, eu começo, mas seu olhar sai do meu e seus ombros enrijecem.

— Sinto muito, Elaine. Eu tenho que ir. Sigo o foco dele e vejo o segurança em pé na porta aberta. Seus olhos estão treinados para nós, sua expressão dura. — Eu sou necessário lá em cima. Espere eu voltar. Vejo você em casa com segurança.



Mattias me alcança novamente, mas em vez de segurar minha nuca, ele enfia os dedos nos meus cabelos e coloca seus lábios nos meus, sussurrando: — Espere, antes de me beijar gentilmente. É apenas uma escovada macia dos lábios, mas faz o trabalho. Estou em chamas. Então, o homem se foi, deixando nada além de ar frio em seu lugar.

— Quem diabos foi isso? Claire pergunta, voltando para mim com um par de bebidas nas mãos.

Pego o coquetel oferecido e dou de ombros. — Esse foi o Mattias.

— Droga, diz ela.

Eu aperto meu copo com o dela e aceno. Droga.

LANEY

As horas passam. Horas de dança, bebendo um gole e procurando Mattias pelo canto do olho a cada poucos segundos. É quase doloroso o quanto eu quero vê-lo. Acabo deitada em um banco na parte de trás do clube depois de tudo o que resta aqui são retardatários, segurando desesperadamente a sensação de liberdade que todos procuramos quando dançamos.

— Hora de ir, Laney. Nosso táxi está aqui, Claire diz, me oferecendo um olhar de simpatia. — Eu não acho que ele está voltando.

Franzo a testa, não querendo admitir que ela está certa. Mas Mattias não me deixaria aqui, a menos que algo estivesse

errado. Ele não é como os outros homens que eu conheci. Se eu for embora antes que ele venha me buscar, ele pode pensar que o abandonei de novo, que não o quero. Ele pode me assustar, mas eu sei que ele não vai me machucar.

— Não, eu disse que esperaria.

Ela pica o quadril. — Garota, o sol vai nascer em breve. Se ele fosse vir, ele teria. Lamento dizer-lhe isso, mas seu cara deixou você pendurado.

Meu peito aperta. O sol? Ele realmente não está vindo. A derrota se mistura com a frustração quando me sento e olho para ela. — Bem. Deus, eu sou tão idiota. Só porque ele é lindo.

— E alto.

Eu concordo. — E alto.

— E sexy como o inferno.

— Isso também.

Ela pega minha mão e me puxa para ficar em pé.

— Vamos. Não pense nele. Idiotas bonitos ainda são idiotas.

Caminhamos juntos, cansadas de tanto tempo na pista de dança. Neste ponto, existem apenas alguns jogadores obstinados nos slots. O som de suas máquinas enche o ar ao nosso redor como passagem. É um tipo triste de esplendor.

O táxi me leva para casa primeiro, e Claire aperta minha mão quando saio. — Você merece um homem que aparecerá quando ele disser. Mantenha isso em mente.

Uma tonalidade roxa profunda é pintada no céu, sinalizando o fim da noite e o início do dia. Não posso deixar de pensar no meu vampiro e me perguntar onde ele está. O táxi se afasta quando



deslizo minha chave na fechadura e abro a porta da frente. Mas algo me para. Um gemido irregular. Uma respiração áspera ao lado da minha casa. O medo apunhala meu peito, meu pulso dispara em meus ouvidos.

— Elaine. É o Mattias. Essa voz está gravada em minha mente como nada mais. Corro pela esquina e derrapo até parar ao vê-lo. Seu corpo grande está amassado contra a parede, sangue por toda parte, queima em seu lindo rosto em feias listras chamuscadas.

— Oh meu Deus, eu choro, caindo de joelhos ao seu lado.

— Mattias, o que aconteceu?

— Dentro. Eu preciso entrar. O sol. Sua voz está tensa de dor, como se cada palavra fosse uma faca raspando a carne tenra.

— Você pode andar?

Ele me alcança, mas eu recuo, lembrando da minha corrente de prata. Eu o desembrulho da minha garganta e largo o colar no chão ao nosso lado. — Vamos. Me dê seu braço.

Juntos, vamos para a casa, seu corpo tão grande e pesado. Eu posso sentir seu sangue na minha pele, seus músculos tensos enquanto ele tenta lutar com a agonia que ele deve estar sentindo. Abro a porta e tento puxá-lo, mas ele não se mexe.

— O que está errado? Eu pergunto.

— Eu... Eu preciso que você me convide.

Olho para seus pés antes de treinar meu olhar em seus olhos, preto e aterrorizante. Eu me pergunto se é isso que acontece quando ele está com fome. — Por favor, entre, Mattias.

Atravessamos o limiar e bato a porta atrás de nós. Meu vampiro se inclina pesadamente contra a parede, a dor colorindo

suas feições. Eu me movo o mais rápido que posso, trancando a porta, fechando todas as cortinas, fazendo o possível para protegê-lo da luz do sol. Quando volto, ele está ainda mais pálido do que o habitual, e seus olhos estão fechados quando ele cai no meu chão.

Eu o sacudo, cuidando de suas queimaduras e feridas.

— Mattias, acorde.

Seus olhos se abrem e um rosnado sai de seus lábios, presas totalmente estendidas. — Fuja, Elaine. Não posso confiar em você agora.

— O que aconteceu?

— Caçadores. Havia muitos deles. Eles levaram um de nós. Eu fui... Atrás deles. Toda palavra está cheia de raiva e dor. — Eles a mataram. Eu mal escapei.

— Como posso ajudá-lo? O que você precisa?

Ele fecha os olhos. — Eu preciso de sangue, mas não vou me alimentar de você assim. Eu não seria capaz de parar sem tomar muito.

Meu coração acelera no peito, a adrenalina fazendo minhas veias zumbirem. — Você tem certeza? Eu poderia...

Uma palma grande agarra meu pulso com tanta força que eu deveria estar com medo. Mas ele relaxa imediatamente. — Não. Eu preciso dormir. Vou me curar sem sangue, mas preciso de um espaço seguro.

— Eu tenho um porão. Não há janelas.

Ele assente e tenta se levantar, mas a agonia distorce sua expressão. Sem dizer nada, eu pego o braço dele e coloco sobre



meus ombros. Sinto sua respiração na minha nuca e tento ignorar o conhecimento de que a boca de um vampiro faminto está tão perto da minha garganta. Mas, de alguma forma, chegamos ao porão, onde ele cai no sofá e fica inconsciente em segundos. Agora não sei o que fazer comigo, além de colocar uma colcha velha sobre o corpo e sentar na escada, observando e esperando.



Seis

MATTIAS

Eu acordo com um forte choque de consciência. Tudo cheira a Elaine. Não, não apenas ela, cheira como minha companheira misturado com coisas antigas. Poeira, papel envelhecido, terra úmida. Sento-me e observo as paredes de cimento, caixas e caixotes cheios de decorações de Natal e quem sabe mais o quê. Um porão. Estou no porão de Elaine. O medo lança meu coração ao pensar no que eu poderia ter feito com ela em meu desespero.

Subo as escadas correndo e corro pela porta, chamando seu nome sem se importar com polidez. — Elaine! Elaine, onde você está?

Ela fica na sala de estar com uma caneca na mão, uma túnica cobrindo sua forma. — Eu estou bem aqui. Você está bem? Os olhos dela estão arregalados e desconfiados. — Você parece um pouco melhor. Acho que a parte de caminhar e falar ajuda.

Eu não tenho ideia do que eu pareço, mas pelo aperto na minha pele e pela fome na minha barriga, tenho certeza de que não sou a coisa mais atraente que ela já viu. — Obrigado. Por me dar abrigo.

— Eu não ia deixar você para o sol.

— E eu aprecio isso. Eu não deveria ter vindo até você assim. Eu coloquei você em risco.

— Porque você precisava se alimentar?



Eu gemo quando uma onda de fome me atinge. — Eu ainda preciso. Deus, Elaine, eu poderia ter te matado.

— Mas você não fez. Estou bem.

— Eu preciso sair daqui. Seu cheiro é tão bom. Ela dá um passo em minha direção e eu recuo. — Pare. Meus membros tremem com o esforço de não levá-la. — Eu não posso. Eu posso matar você agora.

— Eu não acho que você vai.

— Então você é uma tola. Eu também. Um vampiro não pode ser acasalado com um humano sem eventualmente matá-lo. É como colocar um leão na mesma gaiola que um cordeiro.

Ela ri um pouco severamente. — Já ouvi essa analogia antes. Vampiros e humanos. Mas parece que os humanos fizeram um número com você, então talvez os cordeiros tenham mais força do que você pensa.

Se eu não estivesse morrendo de sede, riria. — Eu não posso ficar. Eu tenho que me alimentar ou vou levar semanas para me recuperar disso, e é hora de não ter. Esses caçadores estarão de volta.

Seu olhar viaja pelo meu rosto, desce pelo meu corpo e depois volta. — Você parece à morte. Você não pode sair assim. Não nesta cidade.

— O que você quer que eu faça? A frustração rola através de mim, mas eu sei que ela está certa. Não posso usar minha velocidade ou força, não quando estou tão fraco.

— Pelo menos tome banho. Eu tenho algumas roupas que podem se encaixar.



Uma carranca puxa minha testa, fazendo a dor passar pelo meu rosto, onde aqueles bastardos me atingem com prata líquida. Tenho certeza de que sou uma visão terrível. — Mostre-me onde?

Minha companheira me pega pela mão, sua palma quente e macia é uma sensação bem-vinda. Então ela me leva até as escadas, onde o cheiro dela é mais forte e entra no que deve ser o quarto dela. Se eu estivesse no meu auge, inferno, mesmo que estivesse em um quarto do meu pico, eu faria o máximo possível para fazê-la perceber exatamente o quão bom poderia ser entre nós. Ela abre a porta do banheiro adjacente e solta minha mão. — Aqui está. Vou lhe trazer uma toalha limpa e você pode... Ela gesticula em direção às minhas roupas queimadas e ensanguentadas, — Deixe-as. Vou me livrar deles.

— Queime-as, digo a ela com um pingo de incerteza na minha voz. — Eles tentarão me rastrear. Não os jogue fora com o lixo.

Esse lábio inferior rechonchudo dela vai entre os dentes enquanto ela considera meu aviso, mas então ela assente e algo no meu peito se suaviza. — Ainda bem que tenho um fogão à lenha.

Elaine observa enquanto eu entro no banheiro, e sua expressão preocupada me faz desejar tanto que eu poderia dizer a ela que ficarei bem sozinha. Na realidade, não tenho tanta certeza. Eu nunca estive tão machucado antes. — Você... Precisa de ajuda com suas roupas?

— Não. Eu vou ficar bem. Pego a barra da minha camisa esfarrapada e começo a levantar o tecido para puxá-lo sobre a minha cabeça, mas uma dor profunda e insuportável irradia pelo

meu ombro. — Foda-se, eu assobio, deixando a camisa cair de volta no lugar.

Ela está lá, seus dedos no mesmo lugar em que minha dor está centralizada. — Deus, Mattias. Você ainda está tão machucado.

— Eu só preciso de... Tempo.

— Fique aí, ela dirige, me deixando sozinha no banheiro por alguns momentos. Quando ela volta, ela tem uma tesoura e algumas bagunças. Ela olha para mim e franze a testa. — Você pode sentar ou algo assim? Você é tão alto.

Sento-me no banheiro fechado, e ela imediatamente começa a trabalhar, cortando o tecido do meu torso, descolando-o e expondo a profundidade dos meus ferimentos. — Você disse que eles atacaram, você não me disse que era tão ruim assim.

Olho para o meu abdômen, onde lacerações irregulares cruzam meu lado esquerdo. Eles são profundos, ainda sangrando lentamente e intensamente dolorosos. Meu ombro e braço são uma ruína de queimaduras negras. — Eu não deveria ter vindo atrás de você, mas estava preocupado que eles o encontrassem primeiro. Eu precisava ver que você estava segura.

Umedecendo um dos panos, ela o pressiona em lugares no meu peito onde eu não estou sangrando livremente para limpar minha pele. — Eu sei que você vai tomar banho, mas preciso ver o quanto isso é ruim.

— Já é ruim o suficiente. Eu tenho que morder as palavras entre dentes, mas não por causa das minhas feridas. Ela está perto, estou morrendo de fome, e o pulso em sua garganta me chama como o mar chama um homem morrendo de sede.



— Eu sinto muito.

Balanço a cabeça antes de alcançá-la com o braço não machucado. — Isso não é culpa sua. Na verdade, tenho certeza de que foi você quem me manteve vivo. Se eu não tivesse visto você, teria entrado na armadilha distraído. Você me castigou. Seu toque. Seu gosto.

— Você precisa de ajuda com isso? ela pergunta, gesticulando para o meu jeans.

— Só se você quiser, eu respondo, um leve tom de provocação na minha voz.

— É bom ver que você recuperou seu senso de humor. Ela se levanta e se afasta. — Vou deixar você tomar banho. Se você precisar de alguma coisa, eu estarei lá fora.

Quando a porta se fecha, eu lentamente tiro minhas calças e cuecas, fazendo o que ela pediu e as deixando no chão. O chuveiro é insuportável, mas necessário, como é evidente pelo grande volume de sangue escorrendo pelo ralo. Tinha sido muito perto de uma ponto vital.

Fico embaixo do spray por mais tempo do que preciso, mas não sinto o cheiro do sangue dela aqui. Eu não estou com fome por ela dessa maneira agora. Eu me sinto mais no controle. Quando fecho a torneira e saio, me sinto melhor. Ainda dolorido e fraco, mas mais homem e menos criatura ferida. Envolvendo uma toalha em volta da minha cintura, abro a porta e olho para o quarto dela. Ela está dormindo profundamente em sua cama, com um conjunto de roupas dobrado na beira.



Por mais que eu queira acordá-la, beijá-la e dizer a ela o quanto não quero deixá-la, preciso cuidar da minha fome. Não vou fazer nenhum bem a ela assim, quebrado e pendurado à beira do controle. Vestindo a calça de moletom, que é pelo menos dez centímetros mais curta, luto contra as questões crescentes sobre por que ela tem roupas masculinas em sua casa antes de eu devagar e cuidadosamente puxar a camisa sobre minha cabeça.

Inclino-me e dou um beijo suave em sua têmpora, afastando uma mecha de cabelo enquanto faço isso. — Volto para você, minha companheira. Eu prometo.



Sete

MATTIAS

Fiquei longe dela por sete noites. Muito tempo para o meu conforto, mas eu precisava ter certeza de que estava completamente curado, no controle da minha fome, e pronta para provar a ela por que ser minha significa tanto.

Do lado de fora da porta da casa dela, pressiono a palma da mão na moldura e me forço a ficar no controle dos meus instintos. Eles estão gritando para eu arrombar a porta e puxá-la em meus braços antes de eu insistir em completar o vínculo de sangue. Algo me diz que não daria certo.

Eu ouço sua respiração afiada por dentro, então ela está correndo em direção à porta e a abre antes que eu possa bater. Ela se envolve em torno de mim em um abraço apertado.

— Oh meu Deus. Pensei que tinha ido embora. Pensei que você voltasse para a Suécia sem se despedir.

— Não. Isso não seria uma opção. — Meus dedos cavam na suavidade de seus quadris, e quando ela se desembaraçar de mim, não quero deixá-la ir.

— Você... Você está melhor? Seu olhar avaliador varre sobre mim antes que ela estenda a mão para tocar meu rosto completamente curado.

— Eu estou. Demorou mais do que eu pensava.



— Boa. Eu estava prestes a ir ao cassino e exigir falar com o vampiro responsável, para que ele pudesse me dizer onde você estava.

— Você não tem medo dele?

Ela morde o lábio inferior e depois olha para mim. — Eu deveria ter. Mas acho que o conhecimento me deixou menos assustada. Eu tenho visto muito desde que te conheci. Não apenas os ferimentos. Coisas como o seu reflexo. O que você não tem.

— Eu não.

— Você é mais forte que um homem normal. A maneira como você bateu aquele cara na lateral do prédio...

— Ele ia te machucar.

Suavidade enche seus olhos. — Eu sei.

— Eu nunca deixaria ninguém te machucar, Elaine. Você é Minha.

— Você diz que isso significa alguma coisa.

— Sim.

Seus dedos percorrem minha mandíbula e meus lábios. — E suas presas. Seu olhar cresce quente e intenso. — Mostre-me de novo.

Balanço a cabeça. — Aqui não. Entro e fecho a porta.

— Não se esconda de mim.

— Eu não estou. Eu prometo. Só pode haver verdade entre nós, Elaine. Eu nunca mentiria para você. Então eu a pego em meus braços. — Você é tudo.

Suas bochechas ficam um tentador tom de rosa. — Me leve lá para cima, diz ela.

Eu quero desesperadamente aceitar a oferta dela. Mas tenho que perguntar. — Você tem certeza que quer um vampiro em sua cama?

— Eu quero você em todo lugar.

Tudo em mim clama por reivindicá-la. Eu preciso dela debaixo de mim, tirando o prazer dela de mim sozinha. — Então é isso que você terá.

Eu tenho que me forçar a tomar o meu tempo, a gostar de estar em sua casa, com ela nos meus braços. Subo as escadas uma de cada vez, mas cada roçar seus lábios sobre o meu pescoço torna a excitação do meu corpo mais apertada. Minha companheira não fugiu de mim, ela aceitou o que eu sou, mas não há nada que alivie a dor dentro de mim, além de fazê-la minha para sempre.

— O que está errado? ela pergunta, virando o rosto para que ela esteja olhando para mim. — Você ficou tão tenso.

Como posso dizer a ela a gravidade do que temos? Ela não vai entender, a menos que sinta isso tão intensamente quanto eu. — Eu estava pensando no quão difícil às últimas semanas foram. Eu vim aqui procurando vingança e encontrei minha companheira. Eu estive pensando em nada além de você. Eu nunca pensei que fosse uma possibilidade.

— Você pensou em mim?

— O tempo todo, porra. Desde o momento em que nos conhecemos, não houve um momento em que você não estivesse em minha mente.

Uma pequena carranca puxa seus lábios. — Isso é uma coisa de vampiro?

Balançando a cabeça, eu a coloquei de pé e seguro seu rosto. — É uma coisa de você e eu.

Suas bochechas ficam rosa novamente. — Eu tenho que admitir, eu pensei muito em você também.

Paramos no topo da escada e não consigo mais resistir. Soltando meus lábios nos dela, eu a beijo longa e profundamente. Eu quero fazer muito mais. — Quarto, murmuro contra sua boca.

Ela assente e quebra o nosso beijo, mas apenas para que ela possa puxar a blusa por cima da cabeça. Então eu estou nela, levantando-a até que ela envolva as pernas em volta dos meus quadris e suas curvas estejam à minha disposição. — Você está certa? Eu pergunto entre beijos.

— Se você não me foder logo, eu posso perder a cabeça, Mattias. Sua voz é ofegante de desejo e envia um raio de desejo diretamente para minha ereção dolorosamente dura.

Alguns passos e estamos no quarto dela, a lembrança da última noite em que estive aqui tão diferente de como me sinto agora. Mas desta vez, eu estarei na cama dela com ela, fazendo-a minha para sempre. Ela está beijando meu pescoço, rastros dos seus lábios macios misturadas com o roçar de seus dentes. Eu gemo quando ela mexe os quadris e envia prazer sobre o meu pau sensível. — Eu preciso estar dentro de você.

— Sim.

Antes de fazer qualquer outra coisa, pressiono a palma da mão no meu peito e a minha no dela. — Você sente isso?

Ela faz uma careta. — Seu pulso?



— Meu coração não bate há centenas de anos, Elaine. Você fez isso acontecer. Este coração bate por você. Ninguém mais.

Sua mão livre segura minha mandíbula, e ela se inclina para me beijar, suave, macia, lenta. — Me faça sua.

Deitei-a de costas na cama antes de puxar minha camisa por cima da cabeça. — Não posso ser lento e gentil. Eu tenho esperado muito tempo para encontrar você.

— Eu não quero que você seja gentil. Quero que você me leve tanto quanto precisar.

Porra. Esta mulher foi feita para mim. — Tire suas roupas. Mostre-me o belo corpo que é só meu.

Ela sorri e assente. — Você também. Então ela solta o sutiã preto rendado. Minha boca fica seca quando os seios dela caem das taças, e eu sei onde vou tomar meu primeiro gosto dela. Não espero que ela desabotoe o jeans. Em vez disso, caio de joelhos e agarro seus tornozelos. Eu a puxo em minha direção até que suas pernas caiam da cama e eu posso agarrar sua cintura. Eu deslizo o jeans pelos quadris até removê-los completamente e ela fica com uma calcinha preta rendada que combina com o sutiã descartado. Sua boceta perfeita está ali, pronta para mim. Eu posso sentir o cheiro de sua excitação, e é preciso cada grama do meu controle para não rasgar o pedaço de renda dela e enterrar meu pau dentro dela agora.

— Pensei que você tivesse dito que não seria gentil, ela brinca.

— Isso não é gentil. Isso está saboreando o momento. Estou desembrulhando meu presente.

Eu puxo sua calcinha pelas coxas e as jogo de lado assim que elas estão livres dela. Então eu abri suas pernas e afundei um dedo dentro de sua vagina brilhante. Ela é apertada, quente e a perfeição absoluta. Seu gemido de prazer envia necessidade através de mim. Mas quando eu pego seu clitóris inchado na minha boca e ela quase sai da cama, eu tenho que enfiar meu pau na minha calça, porque não posso mais ficar sem algum tipo de atrito.

— Oh, Deus, Mattias, ela suspira.

Chupo e giro minha língua sobre seu pacote sensível de nervos, enquanto empurro dois dedos dentro dela e os enrolo repetidamente. Suas paredes se apertam ao meu redor, e ela grita enquanto orgasmo, seu prazer cobrindo meus dedos.

Foda-se, eu preciso estar dentro dela. Eu preciso me alimentar de sua veia e enchê-la com minha semente. Recuando, me movo para tirar minhas calças. Ela me observa com uma expressão saciada, mas ainda há um desejo avassalador em seus olhos. — Está pronto para mim? Eu pergunto.

Ela assente e senta-se, estendendo a mão. — Tão pronta.

O som de um batimento cardíaco rápido chama minha atenção. Não é dela. Estou muito sintonizado com minha companheira para confundir o coração de outra pessoa com seu ritmo distinto.

— O que está errado? ela pergunta.

— Alguém está aqui.

Então o som de vidro quebrando enche o ar, e eu corro para as escadas, pronta para defendê-la até a morte.

LANEY

Demoro alguns segundos para registrar o que aconteceu. Mattias estava entre minhas pernas, trazendo-me intenso prazer, então ele estava prestes a me levar. Eu podia ver a protuberância de sua ereção em suas calças, mas mais do que isso, eu podia sentir a necessidade irradiando dele. Mas ele desapareceu antes que eu pudesse piscar.

Um grito enche o ar, mas é cortado por um estalo agudo e um baque. Puxando meu roupão sobre o meu corpo nu, saio correndo do meu quarto e desço as escadas. Mattias está parado na minha porta da frente, seus grandes ombros arfando enquanto ele se alimenta do homem em suas mãos. O intruso paira frouxamente nas mãos de Mattias, e meu vampiro está tão entrincheirado em tirar o sangue desse homem que ele não parece registrar minha presença.

— Mattias? Eu chamo, odiando o quão fraca minha voz soa.

Ele empurra o corpo do invasor para o chão e rosna: — Fique para trás. Suas palavras são duras e trabalhosas, uma escuridão dentro delas para as quais eu não estava preparada.

É então que examino o corpo. O sangue. Os olhos sem visão em um rosto eu reconheço. É o rosto de um dos meus atacantes. — Ele está... Ele está morto?

Mattias suspira antes de se virar para mim. — Muito mesmo. Seus olhos são de um azul brilhante, sua pele

praticamente brilhando, mas é o ligeiro traço de sangue em seus lábios que faz meu estômago revirar de medo.

Nos dedos do intruso há uma corrente e há um par de algemas penduradas no bolso. — Ele veio aqui para me matar, eu digo, um calafrio percorrendo minha espinha.

— Sim. E acho que ele pretendia me capturar. Essas algemas são de prata pura.

— Temos que chamar a polícia. O pânico amarra meu tom. Como vou explicar isso? Meu namorado vampiro matou esse homem para me proteger.

— Não faremos nada disso. Você vai se vestir enquanto eu descarto o corpo dele. Quando eu voltar, você virá comigo para um lugar seguro, onde possamos ser devidamente acasalados.

— Com licença? Estou apaixonado por esse homem, mas não há como deixar que ele me mande por aí.

— Tenho certeza que você me ouviu.

— Eu fiz. Mas você acabou de matar um homem com as próprias mãos. Isso muda as coisas.

Ele passa a mão pelos cabelos. — Ele estava indo para matar você, Elaine.

— É isso que você quer fazer comigo? Eu pergunto.

Os olhos dele se arregalam. — O que?

— Alimente-se de mim. Se tivéssemos feito sexo, você teria levado meu sangue?

Ele concorda. — É natural que um vampiro se alimente de seu companheiro. E quando eu te transformar, você se alimentará de mim.

— Quando você me transformar? O que faz você pensar que vai me transformar?

As sobrancelhas dele se juntam. — É assim que isso é feito. Um vampiro não pode ter um humano como companheiro e ser verdadeiramente feliz. Em um piscar de olhos, você envelhecerá e morrerá enquanto eu ficar sem idade.

— É assim que a vida deveria ser. É o que o torna especial.

— Besteira, ele resmunga. — Morrer não faz nada de especial. Viver faz. Imagine tudo o que poderíamos ver e fazer.

— Mas estaríamos matando humanos para conseguir o que queremos.

Ele balança a cabeça. — Não, Elaine. Nós não temos que matar. É verdade que alguns vampiros acabam matando suas vítimas, mas a maioria de nós usa a alimentação durante o sexo como uma maneira de atender às nossas necessidades e encontrar conexão com alguém, por mais fugaz que seja. Matar nossos parceiros só traz mais complicações.

Meus joelhos estão fracos e me sento com força nas escadas. — Eu preciso de um minuto para processar isso.

— Receio que não tenhamos muito tempo. Eles sabem onde você está. Haverá mais deles. Vista-se. Eu volto em breve. Ele levanta o corpo do meu atacante por cima de um ombro e se afasta em um borrão de movimento.

Por que ele diria que não temos tempo? Ele é imortal.

Eles sabem. *Eles,* como nos caçadores. Se eles estão atrás de mim, talvez eu possa ir a algum lugar que eles não olhem. Talvez eu possa jogá-los fora do meu perfume e Mattias possa relaxar. Subo



as escadas e me visto antes de enfiar roupas e produtos de higiene em uma bolsa, desesperada para fugir. Não estou pronto para tomar uma decisão tão permanente. Eu não estou pronta para me tornar uma vampira, não importa o quão alto meu coração grite por ficar com ele.

Rabisco uma nota no quadro branco no meu corredor ao lado de números de telefone importantes e minha lista de tarefas.

Mattias,

Eu sinto Muito. Eu preciso de mais tempo. Eternidade não é algo para o qual estou preparada.

Laney

Eu corro, o pulso batendo nos meus ouvidos com a adrenalina correndo pelas minhas veias. Ele não ficará feliz com isso. Fico me perguntando rapidamente quando entro no meu carro se ele será capaz de me encontrar. Um vampiro pode rastrear um perfume, ou eram lobisomens? Eu nem sabia que os vampiros existiam até uma semana atrás. Eu preciso de tudo para diminuir a velocidade. Está tudo se movendo muito rápido. Meu mundo virou de cabeça para baixo e Mattias não entende.

Afastando-me da garagem, saio da cidade. Eu dirijo com meu queixo cerrado e os nós dos dedos brancos e não paro até chegar à porta de Claire três cidades adiante. Graças a Deus a luz dela ainda está acesa. Toco a campainha e espero, lançando olhares nervosos sobre os ombros, mas Mattias não está em lugar nenhum. Por que



parte de mim está decepcionada? A porta se abre e uma Claire chocada olha para mim.

— Laney?

Dou de ombros, tentando não chorar quando o peso do que aconteceu sobre meus ombros e ameaça me esmagar.

— Eu preciso de um lugar para ficar por alguns dias.

Ela estende os braços e eu corro em seus braços. — Ei, ei, está tudo bem. Claro que você pode ficar comigo.

Me levando para dentro, ela pega minha bolsa e a coloca na cama em seu quarto de hóspedes. — Eu sinto Muito. Eu pensei que poderia lidar com tudo, mas ... Eu realmente não posso.

— O que está acontecendo?

Entramos na sala onde vejo uma caixa de pizza na mesa do café, um filme pausado na TV e uma taça de vinho na mesa final.

— Você tem companhia?

Ela balança a cabeça e vai para a cozinha antes de me pegar um copo de vinho. — Nah, apenas um pouco de farra da Netflix. Sentada, ela toma um gole de vinho e gesticula para eu me juntar a ela. — Diga-me o que aconteceu.

Repito os detalhes do ataque do lado de fora da minha cafeteria, de Mattias me salvando, do que aconteceu depois que deixamos o cassino e, finalmente, a segunda tentativa de hoje à noite. Eu deixo de fora a parte sobre Mattias ser um vampiro e o fato de que ele matou o homem que planejava me matar.

— Porra, Laney. Claire se inclina para trás e suspira. — Você precisa contar à polícia. Parece que esses caras estão querendo se vingar.



Olho minhas unhas e tento inventar uma razão para não chamar a polícia. — Mattias não é daqui. Ele não pode se envolver em questões legais.

— Então está tudo bem deixar esses idiotas continuarem vindo para você?

— Não. Ele vai... Lidar com eles. Eu tenho certeza disso.

— Ele sabe onde você está agora?

Mordendo meu lábio, eu franzo a testa. — Eu não contei a ele. Ele é... Intenso. Ele quer que eu vá com ele agora, desista da minha vida e seja dele.

— Dele?

Eu concordo. — Ele acha que devemos estar juntos.

— E como você se sente?

— Há algo especial entre nós. Não tenho dúvidas de nossa conexão. Você o viu no cassino. Há uma espécie de magnetismo ou algo assim. Mas tudo é tão rápido e, com tudo o mais, é difícil entender bem o que é certo e o que é seguro.

— Ok, você fica aqui o tempo que precisar. Tire algum tempo longe da loja, dele. Você pode se dar ao luxo de fechar alguns dias?

— Na verdade não. Vou ter que pedir ajuda.

— Eu irei.

Minhas sobrancelhas se levantam. Ela não trabalha na loja há quase um ano. Desde que sua carreira de desenvolvimento de aplicativos realmente decolou. — Realmente?

— Eu possuo metade do lugar. Está na hora de sujar as mãos novamente. Ela encolhe os ombros. — Dessa forma, se esse cara aparecer, posso informá-lo que você está bem, mas também dar-lhe



um pequeno... Conselho. E, se alguém tentar alguma coisa, terá que me encarar, não você.

— Obrigada, Claire. Eu realmente quero dizer isso.

Passamos o resto da noite bebendo vinho e polindo a pizza enquanto assistimos *Norte e Sul* e desmaiamos sobre Richard Armitage. Não penso em Mattias a cada segundo e tenho orgulho de mim mesma. Quando estou bocejando e lutando para manter os olhos abertos, finalmente vou para o meu quarto e troco de cama. Assim que deslizo entre as cobertas, a voz de Mattias enche minha cabeça quando as lembranças me assaltam. Suas mãos, sua língua, o fogo em seus olhos. Eu luto contra um gemido quando meus mamilos apertam e o desejo toma conta.

Não importa o quanto tente, acho que não vou conseguir esquecer meu vampiro.



Oito

MATTIAS

Mattias,

Eu sinto Muito. Eu preciso de mais tempo. Eternidade não é algo para o qual estou preparada.

Laney

O desespero avassalador se enrola no meu estômago enquanto eu leio suas palavras repetidas vezes. Ela não pode estar comigo. Minha companheira não estará comigo. Ela está me rejeitando. Porra, inferno. Não é assim que deve acontecer. Eu devo encontrar minha companheira e devemos nos juntar sem dúvida em nossos corações. Ela é a única coisa que vai me salvar. Ela vai me impedir de acabar com a criatura reclusa que muitos de nós nos tornamos. Mas ela não me quer.

Eu rosno de frustração, arrancando o quadro branco da parede e jogando-o através da sala, onde fica grudado no meio do reboco. — Porra! Eu grito. Eu não tinha a intenção de fazer isso, mas estou com força total após a alimentação. A raiva rola através de mim. Se não tivéssemos sido interrompidos... Ela seria minha agora. Se eu não tivesse hesitado, pelo menos poderia ter provado o sangue dela. Então eu seria capaz de rastreá-la.

Minhas mãos fecham os punhos, e tento seguir o cheiro dela enquanto corro em alta velocidade para fora de sua casa e pelas ruas. Quão bom eu sou se não consigo encontrar minha

companheira? Mas seu perfume desaparece em pouco tempo, a chuva lavando-o sem deixar vestígios. Vou ter que me controlar para poder sobreviver a isso. O aviso de Brandt volta para mim. Não posso forçá-la a ser minha. Ela passará a vida me odiando por não ter lhe dado uma escolha.

Encharcado e frustrado, vou para casa, precisando pensar, planejar. Eu odeio não encontrá-la, mas não vou afastá-la, porque a vida sem ela parece impossível. Suspiro e arrasto a mão na parte de trás do meu pescoço antes de abrir a porta da frente e colocar o pé dentro. Amanhã vou encontrá-la e dizer exatamente até onde vou mantê-la. Hoje à noite, planejarei vingança contra o homem que a atacou.

A casa está vazia e silenciosa enquanto eu ando pelo corredor. Eu me pergunto se Brandt teve problemas com o rei. Os Blackthornes não são conhecidos por sua diplomacia.

Minhas roupas estão pingando chuva por todo o maldito lugar, então eu tiro a roupa assim que chego ao meu quarto. Eu quero estar na cama com Elaine, transando com ela profundamente até que ela chegue ao meu pau, então a abraçar enquanto ela dorme. Eu mais do que a quero. Eu preciso dela.

Deito na cama, minha ereção latejando só de pensar em minha companheira. Seu gosto ainda permanece na minha língua e lábios, seu perfume reveste meus dedos, e eu daria qualquer coisa para tê-la novamente. Eu seguro meu comprimento e acaricio lentamente, imaginando que é ela, desejando que fosse real. A eletricidade dispara através do meu pau, acumulando em minhas

bolas - uma pressão dolorosa e pesada. Estávamos tão perto de nos unir, e minha excitação é mais persistente agora do que nunca.

— Elaine, eu sussurro, fechando os olhos e a imaginando. Eu chego a um estado de semiconsciência, o mais próximo que um vampiro pode chegar de sonhar.

Eu a vejo, vestida com nada além de uma fina camisola branca e calcinha. Os contornos escuros de seus mamilos fazem minhas presas se alongarem quando a fome não tem nada a ver com a minha necessidade de sangue. Eu quero afundar meus dentes em seu peito cheio enquanto meu pau desliza em sua boceta de boas-vindas. Ela se contorce na cama, a testa franzida enquanto a mão desliza pela barriga e por baixo da cintura da calcinha. Então ela sussurra meu nome e eu dou um gemido. Eu realmente não estou no quarto dela, eu sei disso, mas vê-la se tocar enquanto pensava em mim me cativou.

Ela geme e estremece, meu nome enche o ar, e o cheiro de sua boceta faz minha boca ficar com água na boca.

— Porra, Elaine. Você é tão bonita.

Seus olhos se abrem e eu juro que ela está olhando diretamente para mim. — Mattias? ela sussurra.

Meu coração bate mais forte e abro os olhos, voltando à realidade. Ela não deveria ter sido capaz de me ver. Ainda não nos unimos. Mas eu sei que ela me viu. Mais importante, ela ainda me quer. Seu corpo estava pegando fogo pelo meu.

Eu posso sentir o nascer do sol ameaçando. Faz meus membros pesados e meus olhos doem. Eu tenho que dormir o dia

todo. Pela primeira vez em minha longa e longa vida, eu realmente odeio o que sou porque está me mantendo longe de Elaine. Eu fecho a sala e cedo às demandas do dia. Meu mundo escurece quando a segurança da noite é afastada.

Elaine é a primeira coisa em que penso quando me levanto enquanto o sol se põe abaixo do horizonte. Eu ainda deveria ter meia hora antes que ela fechasse sua loja. É tempo mais do que suficiente para chegar até ela, provar que somos feitos um para o outro e vê-la em segurança.

A luz está acesa na janela da pequena cafeteria, a placa ainda está *aberta* para *abrir.* Meu sorriso é amplo quando uma onda de triunfo me preenche. Eu pego o cheiro dela no vento e tudo para. Deslizo a mão pelos cabelos e endireito os ombros antes de abrir a porta. Mas a visão que me cumprimenta não é a mulher bonita que desejo ver. É uma garota diferente. Uma garota que eu já vi antes, mas desta vez ela cheira muito como minha companheira.

— Onde ela está? Eu pergunto, incapaz de disfarçar o desconforto na minha voz.

— Laney? Oh, ela está tirando umas férias. Ela me oferece um sorriso casual, como se fossemos velhos amigos.

— Onde? Estou muito ciente da violência nessa palavra. Mas a única razão pela qual essa mulher cheiraria como minha companheira é se estivesse muito perto dela.

— Ela está ficando comigo.

— Por que diabos ela está ficando com você?



— Você deve ser Mattias. Sabe, cara, perseguir é ilegal em todos os cinquenta estados. Ela está apavorada.

— Não. Está tudo errado. Elaine não tem medo de mim. Ela tem medo de transformar. Estou a protegendo. Ela nunca precisa me temer.

— Não sei disso. Você parece um pouco intenso.

— Ela é minha e está em perigo. Se você a conhece, ela terá compartilhado os ataques com você.

Ela assente. — Ela fez. Ela é minha prima. Meu nome é Claire.

— Então, por favor, Claire, me leve até ela. Eu posso mantê-la segura melhor do que qualquer outra pessoa.

Uma carranca une as sobrancelhas. — Como? Ela fugiu de você antes.

Arriscando, eu mostro minhas presas. — Eu vou matar quem ameaça minha companheira.

Seus olhos se arregalam, e a cor escorre de seu rosto. — Que porra é essa?

— Leve-me até ela, eu digo. — Eu nunca vou machucá-la. Nunca.

Ela assente rapidamente, o coração batendo tão forte que eu ouço como um tambor. Mas ela sai da loja sem outra palavra, trancando a porta atrás de si. Quando chegamos à frente da casa dela, não consigo sentir Elaine além das paredes. O medo se curva na boca do meu estômago, um peso de chumbo, me puxando para baixo. Mas ela ainda não está ligada a mim. Ela está lá. Ela tem que estar.



— Obrigado, eu digo, estendendo a palma da mão. Ela aperta minha mão oferecida e olha em direção à porta.

— Não a machuque. Ela é minha única família.

— Você tem a minha palavra, eu digo, então estou na porta, batendo na madeira, chamando o nome de Elaine, mas não há resposta.

— Onde ela está? Eu rosno, ligando para Claire.

Os olhos dela se arregalam. — Eu... Eu não sei. Ela estava aqui quando eu saí. O carro dela está na garagem. Ela gesticula para o pequeno cupê na entrada. — Ela deveria estar lá dentro.

— Abra, digo a ela, esperando que ela mexa com as chaves. Eu posso sentir o medo dela. Ela não está mentindo. A mulher está tão aterrorizada por Elaine quanto eu. Esse pensamento não é reconfortante.

Assim que a porta se abre, dou um passo à frente, apenas para encontrar uma barreira invisível. — Você tem que me deixar entrar.

Claire franze a testa, sua expressão muito parecida com a que eu vi em Elaine. — Não sei se é uma boa ideia.

— Claire, por favor. Se algo aconteceu com ela, eu preciso entrar lá e ver por mim mesma. Não consigo ouvir o coração dela.

— Você não acha que alguém a matou, não é?

Meu intestino aperta e o gelo enche minhas veias. Se ela for morta, nunca me perdoarei. — Me deixar entrar. Claire assente e dá um passo para trás e a frustração rola através de mim. — Você tem que dizer as palavras.

— Entre, Mattias.

Assim que as duas primeiras palavras passam por seus lábios, corro para dentro, correndo pela casa, procurando qualquer sinal de Elaine. A porta dos fundos está aberta, marcas de arranhões no chão, um vaso tombado na mesa da cozinha. Mas, acima de tudo, o perfume de Elaine me leva para fora, onde encontro fios de cabelo, gotas de sangue e marcas de arrasto que saem de casa. Eles a levaram. Os bastardos pensam que podem roubar minha companheira, machucá-la e viver para contar sobre isso. Eu os mato. Eles querem que eu siga a trilha dela. E sou incapaz de me impedir de entrar direto na armadilha deles.



Nove

MATTIAS

— Eles a pegaram, eu rosno para o meu telefone assim que Brandt responde. — Eu preciso que você volte.

Ele sussurra sua resposta, tão baixa que eu mal consigo entender com minha audição vampírica. — O rei encontrou o sangue do sol. Eu não posso sair.

— Você tem que. Esses caçadores estão ameaçando tudo em seu território simplesmente por estar aqui. Eles levaram minha companheira. Eles estão tentando me prender. Que tipo de vampiro você é se se recusar a proteger suas terras?

— Mattias, você não entende. Se eu sair agora, eu estarei... Ele suspira. — Não vá atrás dela sem mim. Estarei lá o mais rápido que puder.

Desligo sem dizer mais nada, ansioso para ir atrás de Elaine. Mas sei que não posso fazer isso sem ajuda. Esses caçadores estarão preparados para mim. Eles podem não estar prontos para lidar com nós dois.

— O que está acontecendo? Claire pergunta, sua voz forte, mas ameaçando quebrar.

— Os caçadores a têm.

— Caçadores? Do que você está falando? As pessoas não caçam outras pessoas.



Eu a cortei um olhar afiado. — Mas eles caçam vampiros, e ela é minha companheira. Eles sabem que eu irei buscá-la, não importa o custo.

— Eles vão machucá-la?

Meus dentes cerram quando eu engulo a raiva que cresce no meu peito com o pensamento. — Não se eu puder evitar.

— Por favor, vá encontrá-la. Traga-a de volta. Ela é tudo o que tenho. Aqueles olhos grandes imploram, e tudo o que posso fazer é assentir.

— Fique em sua casa. Tranque todas as portas. Não vá a lugar nenhum até que eu a traga para casa. Eles ainda podem estar lá fora.

Ela assente e envolve seus braços em volta de mim em um abraço feroz. — Se você não salvá-la, eu vou te matar.

— Estou feliz que minha companheira tenha você, eu digo antes de levá-la para dentro de casa. Não saio até ter certeza de que ela trancou todas as últimas janelas e portas. Então corro o mais rápido que posso de volta à casa de Brandt.

Ele já está lá, expressão tensa de preocupação. Entro na sala e digo a ele a única coisa que sei dizer para provar exatamente o quanto isso significa. — Axel deveria ter um amigo como você. Talvez então nós poderíamos ter salvado Luna.

— Ele tem você.

— Eu falhei com ele. Eu fui embora. Fora com Lucas em vez de cuidar da minha família.

Brandt descansa a mão no meu ombro e oferece um leve aperto. — Você não sabia que eles levariam Luna.

— Eu deveria ter. Nunca me perdoarei pelo que aconteceu com a companheira de Axel, Luna, e juro que, se o mesmo destino aguarda minha Elaine, vou caminhar ao sol antes que outra noite passe. — Temos de ir.

Brandt assente e desliza uma pistola no coldre no quadril. Quando ofereço um questionamento na minha testa, ele encolhe os ombros. — Os humanos podem morrer de várias maneiras. Nem sempre temos que arrancar a garganta deles.

— Mas esses humanos merecem muito mais que uma morte rápida.

— Uma bala no estômago não é rápida. Eu falo por experiência própria.

Um dia eu vou fazê-lo me contar a história de como ele foi feito vampiro. Como ele subiu nas fileiras da hierarquia dos vampiros para tomar seu próprio território. Mas hoje à noite não é à noite. Hoje à noite, recupero minha companheira.

LANEY

Minha cabeça lateja, toda a dor centrada no meu lado direito. Alguém me bateu. Tento piscar e abrir os olhos, mas não consigo ver. Tecido arranhado cobre meu rosto, obscurecendo minha visão. Um capuz. Meus braços estão amarrados atrás de mim e, a cada momento que passa, mais pânico se forma no meu peito. Onde estou? O ar viciado reveste minha língua, e juro por Deus que posso ouvir o ruído de pequenas garras através das

tábuas do assoalho. O cheiro a mofo de papelão úmido enche meu nariz mesmo através do capuz cobrindo meu rosto. Eu tenho que sair daqui.

Tábuas rangendo e passos pesados chamam minha atenção, fazendo meu coração disparar. Parece que eles estão subindo um lance de escada. Então o clique de uma fechadura, o rangido de dobradiças enferrujadas e uma risada suave atingiu meus ouvidos, todos em sucessão. — Você está acordada?

Eu não respondo à voz masculina áspera. Eu finjo, mesmo que seja fútil, que ainda estou inconsciente. O terror corre através de mim, queimando no meu sangue e enviando meu pulso martelando na minha garganta. Os homens tentaram me matar duas vezes agora. Esse será o novo normal? Constantemente em risco. Nunca verdadeiramente seguro.

— Eu ouvi você se mexendo. Tentando se libertar. Para de fingir. O clique familiar de uma corrente de luz sendo puxada preenche o ar e, mesmo através das fibras que cobrem minha cabeça, posso ver fracamente a luz. O capuz está arrancado, o brilho da sala toma conta da minha visão, quase me cegando. — Lá. Isso é melhor.

— Por que... Por que você fez isso?

Eu não o reconheço. Este homem não é um dos três que me atacaram. Ele é alto e forte. Limpo, mas áspero. Sua barba curta é salpicada de cabelos grisalhos, mas ele não parece velho. — Você passou um tempo com alguém que não deveria. Estou protegendo você dele.

A fúria começa a vencer o medo que me mantém imóvel.

— Do que você está falando? Eu tenho que me forçar a não dar a ele a satisfação de saber que estou com raiva por ele insultar Mattias.

— Seu namorado. Ele fez algumas coisas ruins. Ele é uma abominação.

Eu franzir a testa. — Eu não tenho namorado. É verdade. Eu não. *Eu tenho um companheiro. Um vampiro.*

Sem aviso, a mão dele se conecta com a minha bochecha, e uma dor ofuscante explode atrás do meu olho e irradia através do lado direito do meu rosto. — Pare de mentir. Ele matou meu irmão, meus amigos. Ele é um assassino cruel.

Sinto o gosto acobreado do sangue e, quando deslizo minha língua sobre o lábio inferior, sinto a pontada de uma fenda na pele. — Não sei do que você está falando. Eu estava visitando minha prima. Eu não tenho namorado Eu possuo uma cafeteria. Eu não tenho tempo para namorar. Você pegou a mulher errada.

— Você foi claramente colocado sob o feitiço dele. Aquilo que você está fodendo... Ele é um vampiro. Ele vai drenar seu sangue e deixá-lo morta depois que ele acabar com você.

Dedos ásperos enfiam na minha boca, levantando meu lábio superior e cutucando meus dentes e gengivas. — Ele começou a te transformar? Ele lhe deu o sangue dele? Eu o mordo. Difícil. Meus dentes afundam em sua carne até eu bater nos ossos, e ele grita. Ele torce os dedos para trás e rosna: — Sua puta! Você pode não ter presas, mas pagará por isso.



Eu cuspi nele, desejando tanto me libertar desta cadeira. — Eu mesmo o mataria se pudesse. Você será quem pagará quando ele me encontrar.

Ele sorri. — Esse é exatamente o meu plano. Um vampiro com um companheiro não pode deixar de procurá-los quando ameaçado. Ele tentará resgatá-lo, mas eu estarei pronto.

— Ele vai te matar.

O homem puxa uma corrente de prata do pescoço e a deixa brilhar no brilho da luminária de lâmpada nua. Então ele puxa uma estaca de madeira de um coldre ao redor do ombro, passando-a entre os dedos. — Estou bastante preparado para ele.

Depois de deslizar a estaca de volta no coldre, ele olha para mim, um sorriso zombando do lábio superior. — Agora a parte divertida. Eu montei a armadilha. Está na hora de pegar minha isca para fazer o trabalho dela. Ele se inclina e lambe uma linha no meu pescoço até chegar ao meu lóbulo da orelha. Eu quero vomitar nele. O suor explode em todo o meu corpo enquanto luto para ficar parado.

— Você está cometendo um erro. Eu prometo a você isso.

Metal frio toca minha bochecha, uma ponta afiada arrastando minha pele sensível. — Você acha que ele ainda vai querer você quando eu marcar esse seu lindo rosto? A lâmina que ele está segurando se move sobre a minha garganta, e eu engulo convulsivamente enquanto engasgo com a adrenalina correndo por mim. — Ou talvez, eu deixe uma mensagem sobre seus seios perfeitos. Bem, eles não serão perfeitos por muito mais tempo. Eu vou marcar você. Esculpir meu nome em você para que ele veja.

Uma fenda ensurdecedora enche a sala quando a porta explode em lascas atrás dele. Mattias está parado na porta aberta, olhos selvagens, presas à mostra, um homem que se parece com o anjo da morte ao seu lado. — Afaste-se da minha companheira, e eu vou te matar rapidamente.

Meu coração dá um pulo ao ver meu vampiro, forte e mortal, pronto para me vingar. Seu olhar trava no meu e tudo o que sinto dele é raiva. O caçador mantém a faca na palma da mão e alcança com a mão livre a estaca que eu sei que está escondida perto de seu ombro. Eu me contorço, esperando encontrar uma maneira de me soltar. — Mattias, ele tem uma estaca, eu grito, e o caçador me dá um tapa no rosto com força suficiente para meus ouvidos tocarem.

Um rosnado baixo enche o ar, e Mattias se lança. Mas o caçador é rápido. Ele balança a corrente de prata e a libera rapidamente, o que me faz pensar em um chicote. O metal atinge Mattias no pescoço, fazendo meu vampiro assobiar quando a fumaça sobe do lugar que a corrente envolveu em torno dele.

— Eu tenho mais do que uma estaca, diz o caçador.

Mattias agarra a corrente de prata com as mãos nuas e a tira da pele, a dor em seus olhos me fazendo estremecer. — E eu tenho presas e mais força do que você pode imaginar.

— Vampiro arrogante. Minha barriga torce e vira quando o caçador puxa a lâmina do bolso do paletó e a joga em Mattias. A prata entra em sua coxa, e Mattias dá um grunhido suave.

— Correntes de prata, lâminas, balas, o caçador rosna. — E a muito mais de onde isso veio. Apenas tente tirar meu sangue. Estou me administrando prata coloidal há meses.

Mattias puxa a faca da coxa e a joga no chão. Então ele segue em frente, seu amigo parado como sentinela atrás dele, uma arma apontada para o caçador. — Eu tenho um segredo para você, sussurra Mattias, sua voz dura e dura. — Eu não quero beber seu sangue, apenas derramar.

Meu captor se lança, estaca na mão. Ele dá um soco em Mattias na mandíbula e sai do alcance do meu vampiro. Então, sua perna se estende e leva Mattias ao joelho. Mas o outro vampiro é rápido e, em instantes, ele está agarrando o caçador pelos ombros e jogando o homem do outro lado da sala em direção à porta. O caçador se choca contra uma pilha de caixas, a poeira subindo no ar quando o papelão é esmagado pela força de seu corpo. Ele não move um músculo, e eu me pergunto se ele está morto.

Elaine. Mattias diz meu nome como se estivesse fazendo uma oração. Ele corre para mim, caindo de joelhos aos meus pés. — Ele machucou você. Ele derramou seu sangue.

— Eu estou bem, digo a ele, desejando poder segurá-lo e provar que é verdade. — Tire-me desta cadeira.

— Brandt, não o mate ainda. Eu quero vê-lo sofrer pelo que ele fez com ela.

O vampiro chamado Brandt olha do homem amassado na pilha de caixas e volta para Mattias. — O pescoço dele está quebrado, Matt. Ele já se foi.



Eu deveria sentir algo diferente de alívio ao saber que o homem está morto, mas não sinto. Ele levou-me. Ele me usou como isca e provavelmente teria me matado se Mattias não tivesse vindo ... se Brandt não o tivesse matado primeiro. Mattias agarra os tirantes que seguram meus pulsos atrás da cadeira e os quebra com pouco esforço. Ele faz o mesmo com os que seguram meus tornozelos. Meus pulsos estão machucados e a pele está quebrada de onde o plástico cortou minha carne.

Os dedos de Mattias são gentis através das marcas na minha pele. — Se eu pudesse trazê-lo de volta à vida e matá-lo novamente, eu faria.

— Eu sei.

— Eu prometi a Claire que iria te devolver a ela. Se me deixar é realmente o que você quer... ele interrompe.

— Mattias. Eu... Eu não quero isso. — Eu quero ele. — Eu estou tão... Você está machucado novamente. Por minha causa.

Estendendo a mão, ele olha profundamente nos meus olhos. — Venha para mim, Elaine. Venha agora e deixe-me mantê-lo segura.

Com as pernas trêmulas, levanto-me da cadeira e ele me puxa contra seu peito. Pedra dura, tensa e gentil de uma só vez, seu corpo se molda ao meu, e sou inundada de culpa. — Eu sinto Muito. Eu não deveria ter deixado você assim, mas estava com medo.

Ele acaricia meu cabelo e pressiona um beijo na minha têmpora. — Agora não é hora de pedir desculpas. Esta noite eu faço você minha.



Dez

LANEY

No momento em que Mattias me puxou em seus braços, eu soube que tinha sido estúpido fugir de qualquer vínculo entre nós. É mais do que uma atração típica. É algo sobrenatural. Agora ele está me carregando no berço de seus braços, e eu nem me importo de não estarmos pegando um carro, de que ele está abrindo uma trilha mais rápido do que qualquer humano pode viajar a pé. Tudo o que eu quero é estar com ele. Nós podemos descobrir o resto.

— Abra seus olhos, Elaine. Sua voz é quente e áspera, tudo ao mesmo tempo. — Estamos aqui.

Ele abre a porta e eu espero que ele me coloque de pé, mas ele não o faz. Em vez disso, o homem me aperta mais forte e me leva direto para o quarto. — O que, sem turnê? Eu provoco, mas minhas palavras estão cheias de antecipação.

— Não. Fomos interrompidos uma vez antes. Não vou deixar isso acontecer novamente.

A excitação zumbe através de mim. — Promete?

— Prometo.

Então estou na cama, minhas roupas rasgadas do meu corpo. Seus olhos azuis brilham com desejo feroz e suas presas se alongam. Ele está me mostrando o monstro dentro dele, e eu adoro isso. Suas roupas caíram no chão e ele está diante de mim, glorioso e poderoso e completamente meu. O ferimento da faca na coxa ainda está sangrando, mas está cicatrizando lentamente.



— Sua perna, eu digo.

Ele balança a cabeça e diz: — Quando fizermos isso, eu ficarei bem. Você vai me curar.

— Beije-me, eu sussurro. — Mostre-me o que significa ser sua companheira.

Ele rasteja sobre mim, a expectativa aumentando a cada beijo que ele passa sobre a minha pele no caminho para a minha boca. Quando ele leva meu mamilo em sua boca, suas presas raspam a carne macia e eu grito, adrenalina correndo pelo meu corpo. — Deus, você é deliciosa pra caralho, ele murmura contra o meu botão tenso.

— Você não me quer mais? Meus membros tremem com o pensamento dele me mordendo. Mas sei que ele precisa disso e me sinto da mesma maneira. Eu posso dar a ele meu sangue e meu corpo.

Seu pau duro pressiona contra a minha barriga, insistente e carente. — Eu quero tudo isso. Dedos longos deslizam entre nós, sobre meu estômago e até minha boceta, o roçar dele contra meu clitóris me fazendo arquear minhas costas. Eu já estou tão molhada, tão pronta para este homem, mas posso dizer que ele vai passar algum tempo me preparando para ele. Esta é a nossa cama de casamento. É aqui que eu me torno sua noiva.

— Abra para mim, ele sussurra, seus quadris pressionando minhas coxas. Um dedo afunda dentro de mim, e o gemido que ele arrasta da minha garganta é quase irreconhecível como o meu. A pressão no meu núcleo aumenta a cada golpe de sua mão, meu prazer se enrola, construindo e ameaçando explodir a cada



momento que passa. Ele adiciona outro dedo, curvando os dois e provocando aquele lugar especial dentro de mim. Eu me contorço em sua mão, procurando o que eu preciso me enviar além do limite.

— Eu quero vir, eu gemo. — Por favor deixe-me.

— Não até eu estar dentro de você. Eu quero sentir você encharcar meu pau no seu prazer.

Oh. Piedosos. Deus. Eu abro minhas pernas, e ele remove os dedos da minha boceta, levando-os aos lábios com um sorriso malicioso. Então ele chupa meu desejo deles um por um. — Porra, você tem um gosto tão bom, ele rosna antes de posicionar seu pau na minha entrada e dirigir dentro de mim em um impulso profundo.

Soltei um gemido áspero por sua invasão. Ele é tão grande. Minha boceta está esticada além do que eu pensava ser possível, mas parece absolutamente perfeito. Ele e eu nos encaixamos exatamente certo.

— Sim, Elaine, você foi feita para mim. Seus impulsos são movimentos suaves de seus quadris, me fazendo torcer por ele.

— Você é minha. Porra minha. Cada palavra é pontuada pela nossa reunião de quadris.

Meus dedos arranham suas costas, as pernas envolvem sua cintura e eu me agarro a ele. — Mais difícil. Por favor. Eu não vou quebrar.

Ele entra em mim, forte o suficiente para que a cabeceira da cama contra a parede. — Eu preciso... Porra... Elaine, eu preciso provar você. Eu preciso te marcar como minha.

Virando a cabeça, ofereço meu pescoço, e um grunhido cai dele quando ele abaixa os lábios na minha garganta. Há uma queimadura, depois pressão, e quando ele começa a se alimentar, uma dor deliciosa se forma entre minhas coxas. Seu pau beija meu ventre enquanto seus lábios sugam meu pescoço. Então ele geme e seu ritmo cresce irregular. Suas presas deslizam da minha veia e ele sussurra: — Venha comigo, minha companheira. Me dê seu prazer enquanto eu te encho com minha semente.

Eu faço. Eu o despedaço quando ele chora meu nome e pulsa dentro de mim. Mas ele não para de empurrar, ele não amolece. Em vez disso, como ainda estou surfando a onda do meu orgasmo, ele morde o próprio pulso e o segura nos meus lábios. — Beba. Seja minha.

— Eu... Eu serei uma vampira?

Ele sorri e balança a cabeça. — Não. Mas você estará ligado a mim enquanto meu sangue estiver em seu sistema. Quando estiver pronta, discutiremos a mudança. Não vou apressar você.

Eu lambo meus lábios, e meus olhos se fecham quando ele afunda seu pau profundamente novamente. Então seu pulso é pressionado na minha boca e um líquido rico e delicioso flui para dentro de mim. É cravo e especiarias, sombrio e perigoso, tudo embrulhado no orgasmo mais poderoso que já tive. Eu nunca quero que isso acabe.

Mas ele puxa seu pulso livre dos meus lábios e geme, sua respiração vindo em calças duras. — Já chega, meu amor.

Ele pressiona beijos carinhosos na minha garganta e nos meus seios. — Uma noite, eu vou me alimentar desses peitos lindos enquanto você me monta.

Minha buceta aperta. — Que tal agora?

Ele ri e sai de mim, rolando para o lado dele. Braços fortes me envolvem e me puxam contra seu peito. — Não mais esta noite. Agora eu quero te abraçar.

Dedos longos acariciam meu braço nu, e eu me aconchego mais perto, ouvindo o coração batendo em seu peito. — Você realmente não tinha um batimento cardíaco?

— Eu realmente não tinha

— Você disse que foi transformado. Isso significa que, uma vez você era humano?

Ele suspira, e me pergunto se ele precisa respirar ou se faz isso por força do hábito. — Eu fui. Há muito tempo atrás.

— É difícil de ajustar?

A tensão enche seu corpo. — Era, mas minha família... Meu clã me acolheu e me ajudou a ver o caminho para sair da escuridão. Eu matei muitos na minha primeira década como vampiro, mas uma vez que eu tinha controle, eu parei. Agora, eu mato apenas aqueles que me ameaçam ou aqueles que amo. Eu tremo, e ele me puxa para mais perto. — Mas, como eu disse, isso foi há muito tempo. Fizemos o melhor de nossas novas vidas, construímos um clã, fizemos mais do que mal.

— E você tem que voltar para casa?

— Você é cheio de perguntas difíceis, não é?

Eu concordo. — Se eu sou sua companheira, preciso perguntar.

— Eu preciso voltar. Você virá comigo.

— Eu vou? É difícil para mim manter a descrença na minha voz.

— Você é minha companheira. Você estará sempre ao meu lado. Ele acaricia meu cabelo. — De agora até o fim dos tempos.

Isso deveria me assustar, mas o pensamento de tê-lo para sempre faz meu coração inchar. — Eu acho que gostaria disso.

— Você irá. Eu juro. Vou passar todas as noites te amando.

Meu coração palpita com a promessa. Dedos arrastando-se sobre o peito, entre os sulcos de seus abdominais firmemente definidos, memorizo a topografia do corpo dele. Ficamos ali juntos, silenciosos e saciados. Mas um pensamento me ocorre e é sobre o qual não consigo evitar perguntar. — Mattias? Eu pergunto.

Ele cantarola em resposta.

— Nós não usamos proteção. Os vampiros podem se reproduzir?

Uma risada retumba em seu peito. — Nós podemos, e nós fazemos. Mas você não é fértil agora. Eu seria capaz de dizer.

Merda. — Então por que você transformaria alguém?

— Porque não podemos ajudar por quem nos apaixonamos. Mas, em muitos casos, isso foi feito para construir um exército, e não por amor. — Ele olha profundamente nos meus olhos, e vejo medo e tristeza lá. — Se eu não te transformar, eu posso te perder. Eu vi o que isso fez com Axel.

— Quem é Axel?



— Ele é um membro do meu clã. Ele é como um irmão para mim. Perder Luna o quebrou.

— Ela morreu?

Ele concorda. — É por isso que vim aqui. Para vingar os dois.

— O que aconteceu?

Aqueles olhos azuis de seu escuro, e ele começa a desligar.

— Não importa. Eu fiz o que vim fazer aqui. Mas eu sei que ele nunca se perdoará por deixá-la permanecer humana porque ela queria filhos imediatamente.

— Para que possamos ter bebês? Mesmo se você me transformar?

Olho para cima e vejo seu queixo apertar. — Podemos. É mais difícil para os vampiros, mas é possível. Espero que seja algo que você queira.

— Acho que sim. Sempre foi algo distante no futuro para mim. Não é uma prioridade, mas algo que eu iria querer eventualmente.

— Quando estivermos prontos, nós os teremos. Ele se senta, me trazendo com ele, seu olhar intenso e apaixonado. — Venha comigo para conhecer meu clã.

Meu estômago revira em antecipação. — O que?

— Venha para casa comigo na Suécia.

Eu quero. Deus, como eu quero. Agora que compartilhamos sangue, é como se eu pudesse senti-lo correndo pelas minhas veias. Meu corpo é puxado em direção ao dele como um ímã. Mas eu tenho uma vida aqui. Posso realmente simplesmente abandonar tudo isso?

Quando eu não respondo, ele endurece. — Você ainda duvida de mim?

Balançando a cabeça, uno nossas testas. — Nunca mais. Eu *sinto* nosso vínculo. Mas tenho responsabilidades aqui.

— Nós vamos descobrir. Eu posso dizer que ele está se restringindo, que seu instinto diz para ele passar por isso como uma bola de demolição para conseguir o que quer. — Venha, eu fiz uma bagunça com você. Sua boca se abre em um sorriso. — Deixe-me limpar você.

Ele me leva ao banheiro. Uma grande banheira de imersão com pés de garra fica embaixo da janela. Ao lado da banheira é um chuveiro envolto em vidro grande o suficiente para cinco pessoas. Eu me vejo no espelho, manchas de sangue nos lábios e no queixo, meus cabelos um emaranhado selvagem, mas meus olhos são brilhantes e minha pele está quase brilhando. Embora Mattias esteja bem ao meu lado, sua falta de reflexão faz meu coração palpitar.

— O que é isso? ele pergunta.

— Vocês. Eu continuo esquecendo que você é um vampiro. Meus dedos vão para o meu pescoço, onde ele me mordeu. — Quero dizer, eu sei que você é, você acabou de beber meu sangue pelo amor de Deus, mas é fácil esquecer. Quando estou com você, parece tão... Normal.

— No final, posso não ser humano, mas ainda sou um homem. Ele liga o chuveiro e o vapor começa a encher a sala enquanto a água esquenta. — Mas acho que você descobrirá que

posso te amar melhor como vampiro do que jamais poderia ter como humano.

Há essa palavra novamente. — Amar?

Seus olhos ardem quando ele pega minha mão e me puxa para o chuveiro. — Ai sim. Em todos os sentidos. O spray de água é quente e acalma os músculos que eu não percebi que mantinham a tensão. — Eu amarei seu corpo, mas acima de tudo, amarei você e todas as coisas que você é. Essa é a verdade de ser minha companheira.

— E se você se cansar de mim?

Ele envolve as mãos em volta da minha cintura e me puxa contra o comprimento endurecedor dele. Seu pênis pressiona a minha barriga enquanto ele olha para mim. — Impossível. Levantando-me com facilidade, ele olha nos meus olhos enquanto eu envolvo minhas pernas em torno dele e, em seguida, com uma mudança perfeita dos meus quadris, sua ereção desliza profundamente dentro de mim. — Você, ele geme. — Você é minha.

Mattias nos leva até minhas costas pressionarem a parede fria de azulejos. Ele apoia as mãos em ambos os lados da minha cabeça, os grossos cordões de músculo em seus braços mostrando sua força. Cada movimento de seus quadris envia faíscas através de mim. — Diga, Elaine, ele resmunga.

Eu não sei o que ele quer. Para eu dizer a ele que eu o amo? Deus acho que sim. Meu coração sente isso, mas minha cabeça não quer admitir isso tão cedo. — Eu... Eu...

— Você é minha. De mais ninguém.

Meu orgasmo aumenta, e eu gemo quando o prazer cresce.



— Sua.

— Foda-se, ele geme sua própria libertação.

É então que eu sei que seria estúpido em não segui-lo. Uma vida com esse vampiro é exatamente o que eu quero dizer. Tudo se encaixou quando nos conhecemos, eu simplesmente não conseguia ver. — Eu amo você, Mattias.



Onze

MATTIAS

Elaine passou as últimas três noites na minha cama, nos meus braços, onde ela pertence, mas não posso ficar muito mais tempo sem me alimentar profundamente. Ela não está pronta para isso, e eu não quero empurrá-la. Sua respiração entra em um ritmo suave e lento. Prova de que ela está dormindo e não sentirá minha falta por algumas horas se eu me afastar e encontrar um cervo ou possivelmente um alce. Não vai ser tão satisfatório quanto tirar o que eu preciso do minha companheira, mas temos tempo para chegar a esse ponto.

Pressionando um beijo em sua têmpora, inspiro seu perfume de orquídea e baunilha, saboreando-a um último momento antes de sair. Ela geme enquanto dorme, um sussurro do meu nome em seus lábios, e eu instantaneamente estou duro, pronto para ela, desesperado por ela. Minhas presas se alongam, e luto contra o desejo de acordá-la e pedir o que eu preciso. O sangue dela e o corpo dela.

Afastando-me, arrasto as duas mãos pelos meus cabelos e me forço a controlar a fome que dita minhas decisões. Ela merece mais do que um companheiro que não pode se controlar.

O ar da noite está denso com o cheiro de terra úmida e o peso de uma tempestade iminente, e em pouco tempo encontrei meu alvo. Mas o sangue do veado não me satisfaz, e eu volto para casa com um humor pior do que quando saí. Elaine está sentada,



encolhida no sofá, com uma caneca de chá nas mãos e um caderno ao lado.

— Onde você foi? ela pergunta, sua testa franzida em confusão.

— Caçando. Eu tive que me alimentar.

Um flash de ciúme percorre seus olhos antes que ela possa expressar sua expressão. — Oh. Ela olha para a caneca antes de colocá-la na mesa lateral. Então ela pega a caneta e o caderno e começa a rabiscar.

— O que você está escrevendo? Eu pergunto, evitando a dor que peguei em seu tom.

— Uma lista de coisas que sentirei falta quando você me transformar.

Meu intestino aperta. — Deixe-me ver.

Ela entrega o bloco de papel para mim e eu leio em voz alta. — Café, vinho tinto, croissants de chocolate, cupcakes, molho alfredo, sol, areia quente, pôr do sol, nascer do sol, mercados de agricultores, matinês ... Paro enquanto a lista continua na página. Deve haver cinquenta ou mais itens. Coisas que vou tirar dela quando a mudar.

— Em quem você se alimentou? ela pergunta.

Meu olhar se volta para ela. — O que?

— Quem? Eu ia deixar para lá, mas não posso. O pensamento de você tocar em outra mulher, tirar o sangue dela, colocar seus lábios nela, me deixa com ciúmes.

Eu ri. Eu não posso me ajudar. — Eu sinto Muito. Sei que não é motivo de riso.

— Você está certa. Se vou desistir de tudo o que tenho para estar com você, espero que mantenha seus dentes e seu pau longe de outras mulheres.

— Eu não me alimentei de uma mulher. Derrubei um veado na floresta a cerca de 50 quilômetros de distância. Seus ombros relaxam um pouco e ela me avalia. — Eu prometo. Mesmo se houvesse alguma maneira de eu aguentar o sangue de outra mulher, não o faria. Você é a única que eu quero. Se eu pudesse me alimentar de você todas as noites e não te matar, eu o faria. Mas isso não é uma opção enquanto você é humana.

— E quando eu ligo?

— Eu vou me alimentar de você, você vai se alimentar de mim, e nós vamos suplementar com sangue doado ou caçar juntos.

Ela morde o lábio inferior, e as rugas entre as sobrancelhas fazem outra aparição. — E se eu não gostar? Sangue, quero dizer.

— Você irá. Será a única coisa que você deseja por um tempo. Você não vai me querer, nem chocolate, nem vinho. Tudo o que você desejará será sangue e em grandes quantidades.

Ela parece um pouco verde com o pensamento. — Eu não posso imaginar me sentindo assim sobre algo tão... Ela interrompe, procurando por uma palavra.

— Compreendo. Parece antinatural. Mas para nós, é a nossa única fonte de nutrição. Não há nada a ser feito sobre isso. Posso lhe dizer, o sangue do seu cônjuge será a refeição mais satisfatória que você já teve. É semelhante a uma experiência erótica.

Ela sorri então, sua língua disparando para lamber o lábio inferior. — Erótica?



— Ai sim. Muito mesmo.

— Então, quando você se alimentou de mim mais cedo ... foi excitante?

Dou um passo em sua direção, sentindo a mudança em nossa conversa e seu temperamento. — Eu pensei que fosse óbvio.

— Mas você não está com fome agora?

A camisa dela se abre no pescoço, expondo o inchaço dos seios enquanto ela se inclina para frente. — Eu posso não precisar de sangue, mas estou sempre com fome de você.

— Posso tentar alguma coisa? Ela deixa a pergunta pairar no ar entre nós.

— O que você desejar. Estou à sua disposição. Minha voz é baixa e áspera, porque eu aprendi a interpretar suas expressões. Ela está tramando algo, e tenho certeza que vou gostar do que ela está planejando.

— Segure firme. Então minha linda companheira agarra meus quadris e me puxa para frente até que eu estou de pé entre suas coxas entreabertas. Seus dedos passam pelo meu abdômen até que ela desliza por baixo da minha camisa. A sensação de suas unhas escovando minha pele me faz mudar meus quadris. — Não. Eu disse, fique quieta.

Não posso lutar contra o meu sorriso por ordem dela. Eu poderia tê-la de costas no espaço entre as respirações, se quisesse. Ela sabe disso, mas não está preocupada.

Ela levanta minha camisa até eu finalmente rasgar o maldito tecido sobre minha cabeça. Então seus lábios estão na minha cintura, beijos provocadores suaves até que ela chegue ao meu



osso do quadril. Ela morde e eu gemo. Dedos perversos brincam com meu cinto, o deslizamento do fecho de metal alto na sala silenciosa. Ela abre o botão da minha calça e abaixa o zíper antes de olhar para mim. Seus lábios estão torcidos em um sorriso travesso. Você me provou. Eu quero provar você.

Eu enfio meus dedos em seus cabelos, os fios sedosos apenas aumentando a excitação correndo através de mim. Quando ela morde o lábio inferior, tenho que lutar contra a onda de desejo que ameaça assumir o controle e me enviar diretamente entre suas coxas. — Sedutora, eu rosno quando ela lentamente empurra minhas calças no chão.

— As coisas boas vêm para aqueles que esperam.

— Quem disse que nunca teve sua boca tão perto de seu pau.

Ela ri, sua risada enchendo a sala e me aquecendo. Mas quando ela move minha cueca pelos meus quadris, passando pelas minhas coxas, para o chão, todas as risadas param e são substituídas por uma tensão grossa o suficiente para fazer seu coração disparar. Minha ereção é pesada e dolorida, mas ela não me faz esperar muito. Aquela boca deslumbrante dela envolve a cabeça do meu pau em perfeição quente e eu solto um gemido baixo com a sensação maravilhosa e torturante. — Porra, Elaine. A palma da mão envolve o meu eixo enquanto ela trabalha na minha cabeça. Há tanta coisa para sentir que meu cérebro quer resistir e ceder ao prazer de uma só vez.

Ela se move mais fundo, os dedos flutuando do meu comprimento para a parte interna da minha coxa antes de segurar minhas bolas e zumbidos. A vibração no fundo de sua garganta me

faz gritar de surpresa. É preciso tudo o que tenho para não penetrar em sua boca e perseguir minha libertação. Eu quero estar dentro dela por isso. Eu quero dar a ela outro gosto do meu sangue. Mas estamos no meio da sala de Brandt. O vampiro poderia entrar a qualquer momento.

— Elaine, pare, eu digo, me afastando.

Ela olha para mim, seus lábios inchados e rosa brilhante, e, porra, isso me excita sabendo que é por me chupar. — Por que você me parou?

— Eu preciso estar dentro de você. Eu preciso ter você.

— Contra uma parede? Eu sempre quis fazer isso.

Meu pau dá um empurrão em sua sugestão. — Eu vou te foder contra uma parede, contra uma porra de janela, no chuveiro, em uma mesa, em qualquer lugar que você quiser. Só não aqui embaixo.

Ela assente e respira fundo. — Agora seria um bom momento para você usar essa sua super velocidade e nos levar lá para cima.

Uma risada me escapa quando eu puxo minha boxer e calça, apertando as calças antes de pegar a mão dela. — Como desejar, minha companheira.

LANEY

Fico maravilhosamente dolorida quando acordo depois que Mattias fez exatamente o que ele prometeu. Ele me fodeu contra a parede na sala que agora dividimos, com força suficiente para



enviar a obra de arte emoldurada que decorava o espaço caindo no chão. Era tudo o que eu esperava, e quando ele mordeu meu peito e se alimentou por um breve momento, eu juro, meu corpo inteiro ameaçou explodir em um milhão de pequenos pedaços.

Ele está perto de mim. Sua forma está tão quieta que me pergunto se ele está demonstrando uma respiração por mim. Trilho meus dedos sobre sua mandíbula forte e até suas sobrancelhas loiras. Ele é tão lindo. Posso realmente dar o passo de me tornar um vampiro, se isso significa que eu posso mantê-lo para sempre? Tomar o sangue dele não me faz estremecer. Não no calor do momento. Mas o pensamento de matar, me alimentar para sobreviver, mesmo com ele para me ajudar, faz meu estômago apertar. Não sei se posso.

Deslizo sua camisa enorme por cima da minha cabeça e inspiro seu perfume picante. A calma instantânea substitui a ansiedade de construção dos pensamentos do meu futuro e da decisão que preciso tomar. De pé, estico meus músculos doloridos e vou para o banheiro. Depois de cuidar das minhas necessidades humanas, desci as escadas. Podem ser três da tarde, mas preciso do café que Mattias me trouxe algumas noites atrás.

— Eu não sei. A voz de Brandt me pega desprevenida. Ele não deveria estar dormindo o dia inteiro? — Ela não está deixando ele a transformar. Ela está colocando todos em risco. Acho que ele deveria levá-la, transformá-la e acabar com isso. Se ele não estiver totalmente acasalado com ela em breve, começará a sentir isso.



A escada range sob o meu peso, e ouço um Merda abafado antes de Brandt ficar em silêncio. Então, respirando fundo, eu ando até a cozinha.

Ele está sentado no balcão de mármore do café da manhã, o telefone na mão, cabelos escuros despenteados, olhos rodeados de sombras roxas como machucados. — Você parece um inferno, eu digo, não me importando que pareça uma idiota.

— Eu não tenho dormido.

Eu franzir a testa. — Não é isso que vocês fazem durante o dia?

— Podemos ficar acordados. Enquanto tivermos proteção contra o sol, podemos fazer qualquer coisa.

— Então você é um vampiro com insônia?

Ele encolhe os ombros. — Você pode chamar assim.

— A insônia faz os humanos perderem a cabeça, você sabe.

— Acho melhor eu tentar descobrir por que não consigo dormir então. A última coisa que esta cidade precisa é de um vampiro louco à solta. Especialmente desde que matamos todos os caçadores.

Um arrepio percorre minha espinha com a menção do homem que me levou, do ataque no beco. — Você sabe, é irônico que as próprias pessoas que deveriam proteger os humanos estavam me caçando.

Ele bufa. — Caçadores apenas protegem os humanos que os beneficiarão. Você... Um companheiro humano de um vampiro... Você era um pedaço perfeito de isca. Você ainda é. Assim como

Luna era para Axel. Agora ele está com cicatrizes e quebrado, sua vontade de existir quase desapareceu sem ela.

— Luna era humana? Náuseas se enrolam no meu estômago.

— Sim. Humana. Grávida do primeiro filho. Fraca e vulnerável. Ele passa a mão na nuca e suspira. — Ele não a transformaria depois que descobriu que ela estava grávida.

— É por isso que Mattias quer me transformar tanto.

Ele concorda. — Você não gostaria de garantir que sua alma gêmea fosse forte o suficiente para suportar quase qualquer coisa? Você não gostaria que eles vivessem para sempre?

Mordo o lábio e aceno com a cabeça. — Eu vou perder muitas coisas se eu virar.

— Como o quê?

— Minha prima, minha empresa, tudo pelo que trabalhei. Vou ter que deixar minha vida inteira. Mattias quer que eu volte para a Suécia. Eu ficarei sozinha.

Ele arqueia uma sobrancelha. — Você o terá.

— Mas e se ele decidir que não quer ficar comigo? Eu já estive com homens que prometem ao mundo e depois mudam de ideia antes.

— Ele não teria compartilhado seu sangue com você se não quisesse ficar com você. Ele pegou uma lâmina de prata para você. Ele se alimentou de você, marcou você como dele. Não há como voltar atrás.

— E Luna estava feliz vivendo na escuridão porque tinha seu companheiro? Não posso deixar de empurrar. — Ela morreu por causa de quem era seu companheiro. Ela desistiu de sua casa para



ficar com ele. Desistiu da luz do sol e da normalidade. O que isso a levou?

Brandt se levanta. — Todos muito bons pontos. Parece que você tem algumas decisões sérias a tomar. Faça o que fizer, não decida por um capricho. Se você quebrá-lo, limpe-o.

Então o vampiro me deixa sozinha na cozinha, meus pensamentos rodando com dúvida e confusão. Mas quando fecho os olhos e imagino o meu futuro, a única coisa de que tenho certeza é Mattias. Aconteça o que acontecer, eu tenho que estar com ele.

Desisto da minha necessidade de café e, em vez disso, volto para a cama, encolhendo-me contra o corpo forte de Mattias. Quando ele acordar, eu direi a ele. Está na hora de ele me transformar.



Doze

MATTIAS

Elaine dorme em meus braços, e desejo pela primeira vez em minha vida muito longa que eu possa ser humano para ela. Eu gostaria de poder lhe dar manhãs com a luz do sol entrando pelas nossas janelas. Eu fazia torradas francesas e levava nossos filhos para a escola. Eu faria todas as coisas que ela merece. Eu acordei quando a voz dela apareceu nos meus ouvidos enquanto ela falava com Brandt. Eu tinha ouvido tudo, e cada palavra me arruinou.

Eu acaricio seus cabelos, e meu peito aperta com uma certeza que não quero admitir. Ela pode ser minha, feita para mim, mas eu não sou o melhor para ela.

— Eu te amo demais para mantê-la. Pressiono um beijo suave na testa dela. Um suspiro duro me deixa com o pensamento de tudo o que eu disse a ela apenas algumas horas atrás. Eu disse a ela que poderia amá-la melhor do que um homem humano, mas isso não é verdade. Não como eu estou aqui agora, temendo o sol nascente. Um homem humano não teria que abandoná-la até o pôr do sol o libertar, ele não sentiria fome do sangue dela tanto quanto ele faz com o corpo dela.

— Você vai me encarar a noite toda, ou vai dizer o que está pensando? Sua voz me pega desprevenido. Eu estava tão absorta em meus pensamentos pesados que não tinha percebido que ela estava acordada.

— Estou pensando.



— Sobre?

— Como vou dizer o que preciso dizer.

Ela se senta e faz uma careta. — Por que eu não gosto do som disso?

— Não tenho... Não tenho certeza se isso é a coisa certa.

A raiva brilha sobre suas feições. — Com licença?

Eu me sinto tão covarde, mas esse é o caminho para dar a ela o futuro que ela merece. — Eu não sou o homem certo para você.

— Só podes estar a brincar comigo. Eu sou sua companheira. Você está dizendo isso desde...

— Eu sei o que eu disse.

— Eu deixei você alimentar... Você me deu seu sangue. Os olhos dela se arregalam. — Eu... Eu disse que te amava.

Deslizo uma mão pelo meu cabelo e fico de pé. — Você tem que... Olhe para mim, Elaine. Olhe nos meus olhos. Ela o faz, suas íris nadando com dor, mas quando nossos olhos se fecham, envio uma pulsação de poder através do meu olhar. Suas pupilas dilatam, e então eu sei que a tenho sob meu controle. — Quando você acordar, lembrará que saiu com Claire, ficou com ela. Você nunca me conheceu. Nossos caminhos nunca se cruzaram. Você lutou contra seus atacantes e escapou por conta própria.

Ela assente, atordoada e flexível, e eu me sinto doente.

— Seja feliz, minha linda companheira. Durma agora.

Seus olhos se fecham e eu a abaixo de volta para a cama. As respirações são lentas e profundas, ela descansa, mas há uma carranca franzindo o local entre as sobrancelhas, e me pergunto se acabei de cometer o pior erro da minha existência.



Carregando Elaine, vou para a casa de sua prima. Sua luz está acesa, mesmo que seja tarde. Eu bato, meus nervos me vencendo quando meu sangue zumbe com inquietação. Quando ela abre a porta, ela franze a testa e inclina a cabeça.

— Que porra é essa? Pensei que você tivesse dito que a manteria segura. Parece que você a drogou.

Defensividade cresce no meu peito. — Ela está bem. Eu prometo. Ela estará segura aqui. Eu vou garantir isso.

Ela assente, dando um passo para trás e me deixando entrar. — O quarto de hóspedes fica no fim do corredor.

Coloco Elaine na cama e olho para a mulher que tem sido uma aliada surpreendente. — Os homens que a machucaram se foram. Mas ela ficará confusa por um tempo.

— Eu não entendo.

— Eu preciso que você prometa que nunca mais falará de mim com ela.

— O que?

— Por mais que me doa fazê-lo, tenho que sair. Ela precisa viver uma vida normal, e isso não é possível comigo.

— Isso... Não é o que eu esperava ouvir de você.

— É o melhor para ela.

— Tudo certo. Eu prometo.

Eu fico sentinela ao lado da cama dela, desesperada para ver seu lindo rosto o máximo que posso. Quando o formigamento do nascer do sol enche meu sangue, eu sei que tenho que deixá-la. Ela ainda está dormindo, aquela linha de preocupação na testa se foi e



um sorriso suave enfeitando sua boca. Inclinando-me, beijo seus lábios, memorizando seu gosto antes de deixá-la ir.

LANEY

Meu cérebro está grosso e enevoado quando eu pisco meus olhos abertos. — Onde diabos... Eu começo, mas flashes de memória me atingem. Estou na casa de Claire. Eu fiquei.

Olho para o relógio e gemo. Eu tenho que chegar em casa e me preparar para o trabalho. Correndo pela sala, vejo minha bolsa da noite na cadeira no canto. Deus, eu devo ter amarrado um na noite passada ou algo assim. Eu nunca me sinto assim de manhã. O que nós fizemos? Um bar rastejar? Estávamos comemorando? Estou vasculhando memórias que ainda não estão ao meu alcance.

— O que eu bebi? Eu murmuro para mim mesma, tentando desesperadamente me lembrar dos detalhes da noite. Não é como eu ficar bêbado. Também não é como Claire. Tropeço no corredor e cubro meus olhos contra a luz do sol que atravessa a janela da sala.

— Claire, eu resmungo. A porta do quarto dela se abre e eu quase pulo da minha pele. — Merda!

Seu cabelo está enrolado em uma toalha e ela me olha com olhos assombrados. — Você está bem?

Ela está falando com uma timidez tão estranha. Como se eu estivesse me recuperando de uma doença ou de alguma experiência traumática. — Estou bem. Um pouco de ressaca, eu acho. O que fizemos ontem à noite?



Alívio inunda sua expressão, e ela sorri. — Sim, foi longo. Nós realmente não deveríamos ter ficado fora tão tarde.

— Eu tenho que chegar à loja. Vou ter que abrir tarde como está.

Ela balança a cabeça. — Sentar-se. Kelsey está abrindo hoje. Você não lembra? Vou fazer algo para você comer.

— Não. Eu preciso chegar em casa e tomar um banho. Eu me sinto como a morte.

— Você tem certeza que não quer apenas tomar banho aqui?

— Honestamente? Eu quero ir para casa e tentar me sentir normal.

Ela me puxa para um abraço pouco característico, depois me libera e segura meus braços enquanto ela olha para mim. — Você tem certeza que está bem?

— Sim. Vamos, Claire, já estivemos de ressaca antes.

Uma risada leve cai dela. — Você está certo. Apenas... Me ligue se precisar de mim.

Pego minha bolsa na entrada e saio, andando na chuva até o meu carro estacionado na garagem. Deus, eu nem me lembro de dirigir aqui ontem à noite. Eu estava bêbado? Não, nunca sou tão irresponsável. Quando a porta bate e eu ligo o motor, sou atingida por uma onda de saudade, feroz e dolorosa. Olhos azuis e uma voz áspera e acentuada piscam em minha mente. Minha respiração engata e excita através de mim. — Que porra foi essa?

Eu tenho que respirar fundo algumas vezes antes que eu possa me recompor o suficiente para dirigir para casa.

— Junte tudo isso, Laney, eu resmungo. Saio da garagem e volto para casa com a sensação de que esqueci algo importante cutucando os limites da minha consciência.

As horas passam, mas ainda estou confusa. Eu comi, tomei banho, fiz o que posso para combater a ressaca, mas nada funciona. Quando chego à loja, estou no limite. Estou atrasada, frustrada e faminta. Kelsey já está tirando o avental quando entro.

— Olá Laney. Muito obrigado por ter alguém para cobrir meus turnos enquanto eu estava doente.

Eu murmuro algo com o efeito de — Claro, não há problema. Então ela sai e me deixa em paz na loja. O pânico corre pela minha espinha, mas eu a empurro para baixo. Amarro um avental preto na cintura e imediatamente ouço a porta abrir quando um cliente entra. Choque rola através de mim ao ver Claire. Seus olhos encontram os meus, e há preocupação nadando em suas profundezas.

— Ei, Laney. Hum, pensei que você gostaria de alguma ajuda hoje.

Eu suspiro. — Isso é... honestamente? Isso é ótimo. Estou me sentindo realmente ansiosa.

Um casal entra e Claire toma a iniciativa, pegando um avental e recebendo seus pedidos. Depois que ela faz as bebidas e eu as telefono, elas saem e eu olho para minha prima. — Você é uma parceira silenciosa, lembra? A parte silenciosa significa que você não entra e precisa fazer essas coisas.

— A menos que você não tenha ajuda e as coisas fiquem um pouco loucas por aqui.

Penso nos três caras que me deram um pulo alguns dias atrás. Minha cabeça dói enquanto tento limpar os flashes da memória, mas é provável que meu cérebro esteja me protegendo da experiência traumática. Não consigo entender bem os detalhes. Tudo que sei é que me afastei. — Estou bem.

— Você está?

Ela olha fixamente para mim, tanta preocupação em sua expressão que me pergunto o que eu disse a ela ontem à noite.

— Sim, eu estou ótima. Apenas um pouquinho de ressaca ainda, se você quer saber a verdade.

Um suspiro aliviado a deixa e ela ri. — Eu tenho exatamente a coisa.

Ela me faz uma bebida horrível, cheia de muitas doses de café expresso. Tem gosto de ácido da bateria diminuindo, mas devo admitir que me anima imediatamente. No final do dia, estou pronta, pronta para um bom banho quente e um copo de vinho antes de dormir. Claire está esfregando o chão enquanto eu recolho o lixo e a campainha nas campainhas da porta.

— Desculpe, estamos fechando a noite, eu falo, mas minhas palavras morrem na minha língua quando vejo o homem parado na nossa porta. Rígido, com uma barba desgrenhada e um rosto marcado, ele é definitivamente um dos três que me atacaram.

— Tudo bem, querida, eu não sou um bebedor de café. Ele está com alguns dentes faltando, e eu posso sentir o cheiro de suor e fumaça flutuando dele de onde estou. Lutando contra o desejo de vomitar, chego debaixo da mesa e tento cegamente pegar meu telefone.



— O que você quer?' Eu pergunto.

— Vingança. Ele quase rosna a palavra e puxa uma faca.

— Rich e Frank estão mortos... Por sua causa. Meu irmão estava certo sobre tudo.

Eu franzir a testa. — O que? Que diabos você está falando? Vocês quase me mataram.

— E esse seu namorado esquisito matou os dois. Agora é minha vez de fazer vocês dois sofrerem.

Claire tem a esfregão nas mãos, pronta para espancar esse cara, se necessário, mas ela está muito longe. Eu sou o mais próximo. Meu maldito telefone não está em lugar nenhum e, enquanto levanto minhas mãos, luto contra o tremor nos meus membros. — O que você quer? O caixa não tem muito dinheiro, mas você pode levá-lo.

Ele ri. — Eu quero fazer você gritar.

Não. Ele não vai ter a satisfação disso. Então o homem se lança em minha direção, seu rosnado quase selvagem. Isso acontece tão rápido. Claire o empurra por trás, balançando o esfregão enquanto o homem corta sua faca. Ele solta um grunhido de dor quando a madeira cai sobre seus ombros, mas ele se vira e a derruba alguns passos. Então, mais rápido do que eu esperava que este homem fosse capaz, ele passou a lâmina no ar. Os olhos da minha prima se arregalam e o sangue escorre de uma ferida na garganta.



— Claire! Eu grito, correndo para ela, mesmo quando ela cai no chão. Eu a encaro e grito com o homem: — O que você fez? A tristeza em minhas palavras enche o ar.

Há uma pressão ardente nas minhas costas, uma e outra vez, antes que eu perceba que fui esfaqueada. Ele grunhe e geme, levantando as mãos para afundar sua lâmina em mim novamente.

A última coisa que passa pela minha mente é um par de verdadeiros olhos azuis coloridos de medo e desgosto.



Treze

MATTIAS

Sinto a dor dela, mas primeiro fico impressionado com um medo intenso. — Elaine, sussurro de onde me sento em frente à lareira na casa de Brandt. Brandt voltou apenas alguns minutos atrás, parecendo exausto depois de caçar a noite. Agora ele se senta à minha frente, olhos cansados, no limite. Eu saio da minha cadeira, em pânico nas veias.

— O que é isso? ele pergunta.

— Minha companheira está em perigo.

Eu corro, desfocando pelas ruas, sentindo fortes pontadas de dor, ondas de desespero e medo inimaginável emanando da minha conexão com Elaine. Pelo canto do olho, vejo Brandt ao meu lado. Ele está ao meu lado, um verdadeiro amigo.

— Qualquer ajuda que você precisar, Mattias. Eu estou aqui com você. Sempre.

Eu aceno meus agradecimentos e rasgo à porta da frente do café de Elaine. O que me cumprimenta é um horror. Sua prima jaz em uma poça de carmesim, enquanto um homem respingado de sangue repousa sobre meu lindo amor, uma lâmina na mão, ensopando a camisa de Elaine. Eu o reconheço com uma certeza terrível. Este é o agressor final que atacou minha Elaine. Aquele que eu desprezara como covarde que fugia sem o conhecimento ou a força de seus amigos. Eu fui um tolo.



Eu ajo por instinto, arrancando o coração do homem do peito com a mão nua. Seus olhos se arregalam de surpresa enquanto eu seguro o órgão ainda batendo para ele inspecionar. — Você nem vale a pena se alimentar, eu rosno, esmagando o coração entre meus dedos antes de limpar seu sangue em seu capuz esfarrapado.

Ele solta um grunhido suave, e seus joelhos cedem. Com o suprimento de sangue para seu cérebro desaparecido, seu corpo morre em instantes, e eu só queria poder fazê-lo sofrer um pouco mais. Eu caio no chão onde Elaine caiu, suas respirações sendo duras e ofegantes. Ela é pálida e a dor irradia de todas as células dentro dela. Olhos cheios de angústia, uma lágrima escorre por sua têmpora e pelos cabelos. Não posso perdê-la agora. Não vou.

Ela tenta falar, mas apenas tosse com sangue. Eu seguro meu dedo em seus lábios e olho em seus lindos olhos. Isso é tudo minha culpa. Pensei em matar o caçador que a levou, tudo acabaria, mas nunca considerei o viciado em pânico que escapara na noite em que a conheci viria atrás dela. Eu deveria ter acabado com ele da mesma maneira que acabei com os outros. — Silêncio agora, meu amor. Lembre-se, lembre-se de mim e de nós. Tudo o que somos um para o outro.

Eu vejo quando suas memórias são restauradas. Um lampejo de mágoa e traição, mas também uma onda de amor passa por suas íris. Ela levanta uma mão fraca e acaricia minha mandíbula.

— Eu posso curar você, mas você vai mudar. A única maneira de salvar você agora é transformá-la.

Meu estômago é uma bola de desconforto. Ela não estava pronta para virar. Ela queria muito mais de sua vida do que noites sem fim. Mas minha companheira oferece um pequeno sorriso antes de acenar com a cabeça.

Sua respiração são superficiais agora, pesadas com o sangue acumulado nos pulmões. Ela não tem muito tempo. Abaixando a cabeça, pressiono meus lábios na garganta dela e afundo minhas presas em sua veia. Até a bomba de sangue da artéria é fraca e lenta. Um momento de terror absoluto me atinge ao pensar no que teria acontecido se eu tivesse estado alguns segundos depois. Ela teria ido embora. Eu seria eternamente culpado de abandonar minha companheira. A única pessoa que jurei proteger por toda a eternidade.

Eu tomo o sangue dela em longas tentativas, não parando até que o pulso dela esteja tão lento que mal consigo sentir. Então eu corto meu pulso quase até o osso e seguro o ferimento na boca dela. O sangue escorre para dentro, e espero que sua garganta se mova, que ela engula minha essência vivificante. Quando ela o faz, um suspiro de alívio me deixa. Seus lábios se apertam no meu pulso e, em pouco tempo, ela está me chupando, pegando o máximo que posso lhe dar. O sentimento é eufórico.

Quando minha cabeça começa a girar, eu a afasto de mim. Ela geme quando o sangue vampírico faz sua mágica, reformando cada minúsculo nervo e célula. Não será agradável. A mudança nunca é. Mas isso é melhor do que qualquer outra opção. Colocando-a nos meus braços, eu me levanto e, finalmente, faço um balanço do local. Brandt se ajoelha na poça de sangue que sai da garganta

cortada de Claire. Uma dor desesperada estraga seu rosto enquanto ele segura o pulso na boca dela. A ferida não está cicatrizando, ela não está engolindo, mas ele ainda tenta.

— Brandt, você deve deixá-la, eu digo.

Ele balança a cabeça. — Como posso? Você poderia deixar Elaine?

É então que eu entendo. Eu ouço a batida do seu coração que ainda estava parado. Claire é sua companheira. Ao levá-lo até aqui, eu o levei até ela. Mas é muito tarde.

— Eu sinto muitíssimo. Elaine se mexe nos meus braços. Mal posso esperar. Eu tenho que levá-la a segurança para que ela possa fazer a transição completa.

Brandt levanta o corpo sem vida de Claire no berço de seu abraço e levanta o queixo desafiadoramente. — Eu só preciso de uma centelha de vida. Ela ingeriu o suficiente do meu sangue para fazer a mudança. Eu não vou perdê-la.

Ele se foi em um momento, me deixando em choque. Mas eu entendo o homem melhor do que ele pensa. Eu faria qualquer coisa para garantir que Elaine vivesse uma existência feliz. Eu pensei que era exatamente o que eu estava oferecendo ao deixá-la. Pressionando um beijo suave em sua testa, eu afino seu corpo e sinto a mudança a levando. Ela vai sobreviver a isso. Ela será minha para sempre.



KIM LORAINE

LANEY

Há tanto barulho. Tanto barulho. Meus ouvidos doem, minha pele formiga com energia elétrica. Abrindo os olhos, estremeço com a luz, um brilho severo queimando minhas íris sensíveis.

— Cuidado, minha querida. Vá com calma. A voz de Mattias é como um bálsamo, suavizando e aliviando meus sentidos oprimidos.

— O que há de errado comigo? Eu pergunto, com os olhos fechados para esconder a luz.

— Você está em transição. Você precisa se alimentar. Faz dias.

Em transição? O que...? Minha pele arrepia de medo, mas meu estômago revira quando a fome toma conta. Uma sensação de coceira enche minhas gengivas e dentes - *dentes* - alongados na minha boca. — Isso dói.

Seus dedos deslizam pelos meus cabelos. — Eu sei amor. Vai se sentir melhor em breve. Eu prometo.

— Me ajude, eu sussurro.

— Beba, Elaine, beba de mim. Seu cheiro me domina, fazendo a excitação percorrer minhas veias, e eu gemo ao sentir sua garganta em meus lábios. Eu mordo ... duro. Minhas presas deslizam em sua pele, e eu tomo longos goles de seu sangue. Tem gosto de vinho quente, doce e picante, e exatamente o que eu preciso.

Um gemido cai dele, suas mãos apertam meus cabelos e seus beijos queimam meu ombro. — Eu preciso estar dentro de você, Elaine. De todas as maneiras.



Sim eu acho. Sim, eu preciso dele agora. Suas mãos fortes rasgam minhas roupas, o som de tecido rasgando alto em meus ouvidos. Mas então seu corpo grande está pairando sobre o meu, minhas presas deslizando livres de sua carne para que eu possa virar minha cabeça e encarar o vampiro com o qual devo compartilhar a eternidade.

— Reivindique-me, Mattias. Me faça sua.

Ele afunda dentro de mim lentamente. É uma bela tortura senti-lo violar minha entrada com meus novos sentidos. Eu gemo quando minhas terminações nervosas se iluminam com cada pincel de sua pele na minha. — Eu acho que você é minha noiva, minha amante, minha companheira. Suas palavras são duras e doloridas, como se ele estivesse se controlando. — Para sempre, meu amor.

Nós nos movemos juntos, almas gêmeas em conjunto, e é uma experiência diferente de qualquer outra coisa. Seus impulsos se tornam duros e exigentes, a cama rangendo embaixo de nós, paredes estremecendo com a força de nosso ato sexual. Um gemido baixo se forma em sua garganta, e eu juro que posso sentir seu pau engrossando ainda mais. Eu quebro milhares de cacos em seu próximo impulso, meu orgasmo me quebrando ao redor dele. Ele segue, presas se estendendo quando ele abaixa a cabeça e morde meu peito. Eu grito de prazer quando ele chupa suavemente meu mamilo e seu próprio clímax me preenche.

Nós deitamos juntos, ainda unidos, sua cabeça aninhada entre os meus seios.

— Mattias, eu digo, acariciando seus cabelos loiros.

— Sim, minha companheira?

— É sempre assim que eu vou me alimentar?

Ele ri, o barulho rolando em seu peito. — Se eu tenho algo a dizer sobre isso, sim.

— Bom.

— Você está com raiva que eu te transformei?

Minhas mãos param de se mover pelos cabelos dele. — O que?

— Você me disse que não estava pronta, mas eu...

— Eu teria morrido. Estou com mais raiva que você usou seu poder de controle da mente em mim. Eu não conseguia te esquecer até então. Meu cérebro continuou piscando com imagens suas. Eu pensei que estava ficando louca.

— Mas tirei seu futuro de você. Luz do sol, comida...

— Todas as coisas que eu posso viver sem. Eu saio debaixo dele e me sento. Para crédito do homem, ele faz o mesmo. — Eu não posso viver sem você.

Ele sorri, infantil e charmoso. — Mas você poderia. Você poderia ter encontrado um marido que lhe desse todas as coisas que você deseja.

— Isso não é verdade.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Ele não poderia me dar você. Além disso, quando eu era humana, fiquei fora do sol de propósito por que... Câncer de pele e envelhecimento prematuro. Não desejo mais comida, seu sangue tem um gosto melhor que o vinho e, se bem me lembro, ainda podemos ter uma família.

— Podemos.



— E não há ninguém com quem eu gostaria de ter uma família além de você.

Ele rosna e me agarra pela cintura. — É muito mais desafiador entre dois vampiros.

— Eu nunca me esquivei de um desafio.

— Eu amo você, Elaine.

— E eu amo você, meu vampiro.



KIM LORAINE

Epilogo

LANEY

A Suécia e mais bonita do que eu poderia imaginar. Estamos aqui há uma semana, vendo as vistas sob o olhar atento de Mattias enquanto me acostumo a minha nova vida como vampiro. Mas acima de tudo, nós nos amamos a noite toda. Ele me abraçou e me contou sobre Claire. Que a tínhamos perdido. E é uma dor da qual duvido que me recuperarei. Mas hoje à noite estou nervosa. No limite. Vou conhecer o clã inteiro em poucas horas. A mulher que ele chama de mãe, o homem que ele chama de pai. Axel, o vampiro que perdeu sua companheira humana para caçadores. Todas as pessoas que são importantes na vida de Mattias.

— Você vai ficar bem, Elaine. Eu prometo , diz Mattias, suas mãos nunca deixando o volante enquanto ele nos conduz por ruas sinuosas que levam para fora da cidade e até a propriedade isolada. Mas ainda estou insegura.

— E se eles me odeiam? Eles não queriam que você se casasse com uma boa vampira sueca em vez de americana?

Ele ri e enfia os dedos juntos. — Eles pensaram que eu nunca encontraria minha companheira. Estou bastante certo de que minha mãe desistiu de mim todos juntos.

— Como isso é possível? Ela viu como você é bonito, certo?

Uma sobrancelha loira se levanta e ele sorri. — Eles vão te amar. Assim como eu. E se, por algum motivo insano, não, eu vou embora e podemos começar nosso próprio clã.



Concordo com a cabeça, ficando em silêncio por parte da jornada enquanto observo a paisagem noturna.

— Mãe vai querer ter uma cerimônia formal de acasalamento.

— Como um casamento?

— Exatamente. Eles amam qualquer desculpa para uma festa.

— Como é uma festa de vampiros?

— Isso importa? Após a cerimônia, pretendo passar o resto da noite consumando meu casamento com minha linda noiva.

Minhas bochechas não esquentam, mas a excitação se acumula na minha barriga. — Parece-me que você já consumiu essa união muitas vezes.

— Mas tenho certeza de que mais algumas vezes são necessárias. Você sabe, para garantir que fique.

Reviro os olhos e rio. — Oh, está preso. Eu não acho que eu poderia suportar outro homem me tocando atrás de você. Você me arruinou.

— Não, eu reivindiquei você. Há uma diferença.

— E você? Eu reivindiquei você?

Ele fica quieto e sério.

— O que? O que foi que eu disse?

— Você ainda não.

Choque rola através de mim. — Com licença?

— Você não me reivindicou formalmente como sua.

— Hum, sim eu tenho. Tomei seu sangue, você tomou o meu, fizemos amor. O que mais está lá?

— Você não disse as palavras. As que compartilhei quando me relacionei com você.



— Há palavras? Por que você não me contou?

— Eu queria esperar até que você se transformasse por um tempo. Até você estar acostumado a ser o que somos.

Então as palavras que ele está falando despertam em minha mente. — *Eu acho que você é minha noiva, minha amante, minha companheira. Para sempre reivindicou meu amor*.

— Eu quero fazer isso agora.

Ele ri e balança a cabeça. — Não. Nós terminaremos quando você estiver me montando, seu cabelo escorrendo pelas suas costas e eu tão alto dentro de você. Você vai me levar para ser seu marido e deixar sua marca hoje à noite em mim, mas não até estarmos juntos na cama.

Tudo abaixo da minha cintura aperta em antecipação. — Bom trabalho, murmuro.

— O que é que foi isso? Diversão colore seu tom.

— Você realmente me distraiu de me preocupar em conhecer sua família.

Uma risada o deixa, e sua mão desliza para o meu joelho, o contato de que eu preciso desesperadamente. — Estamos quase lá.

Chegamos aos portões que cercam uma linda casa, e abafo meu suspiro. — É tão lindo.

Ele sorri e, assim que o carro chega a alguns metros do portão alto, o painel de barras se abre e nós dirigimos para o local. Quatro figuras estão nos degraus. Uma mulher e três homens. À medida que nos aproximamos, eles entram em foco mais nítido. Axel deve ser aquele com cicatrizes que vão da testa à mandíbula no lado



esquerdo. Prata líquida derramou sobre ele repetidamente até que ele simplesmente não conseguia se curar. Eu tremo só de pensar.

— Eu te amo, Elaine, diz Mattias depois de parar o carro e matar o motor.

Eu seguro sua mão e respiro fundo. — Eu também te amo. Para sempre.

